



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCO BRANDÃO AGUIAR

LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
HISTÓRICO-SOCIAL EM MIKHAIL BAKHTIN

FORTALEZA

2023

FRANCISCO BRANDÃO AGUIAR

**LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
HISTÓRICO-SOCIAL EM MIKHAIL BAKHTIN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A229I Aguiar, Francisco Brandão.

Linguagem, consciência e ideologia na formação do sujeito histórico-social em Mikhail Bakhtin / Francisco Brandão Aguiar. – 2023.
108 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

1. Educação. 2. Formação do sujeito. 3. Linguagem. 4. Consciência. 5. Ideologia. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO BRANDÃO AGUIAR

LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
HISTÓRICO-SOCIAL EM MIKHAIL BAKHTIN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 16/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi (Avaliador interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech (Avaliador interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Renato Almeida de Oliveira (Avaliador Externo)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Dr. Rosalvo Schütz (Avaliador Externo)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Dedico aos meus pais Teresa Maria e João de Deus (*in memoriam*), com todo meu afeto, amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela consciência de fé e por ser um refúgio nos momentos de adversidades.

Ao professor Dr. Eduardo Ferreira Chagas, pelas sábias orientações, respeito, confiança no meu trabalho e, sobretudo, pela paciência ao longo de toda a pesquisa.

Ao professor Dr. Hildemar Luiz Rech, pelas contribuições junto à pesquisa e por, prontamente, ajudar-me sempre que o procurei.

Ao professor Dr. Rosalvo Schütz, pelo saber partilhado e por suas enriquecedoras sugestões.

Ao professor Dr. Renato Almeida de Oliveira, por fazer parte de toda a minha vida acadêmica, por aceitar avaliar este trabalho e assim contribuir para o mesmo.

Ao professor Dr. Marcos Fábio Alexandre Nicolau, por ter sido um mentor desde os tempos da graduação e pelos sábios conselhos junto a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Antônio Marcondes dos Santos Pereira, pela acolhida junto ao grupo de estudos da UFC, por aceitar contribuir na construção deste trabalho e, acima de tudo, por ter sido um auxílio e um verdadeiro amigo sempre que o procurei.

Ao Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto, pelo apoio, amizade e companheirismo ao longo de toda a vida acadêmica.

Aos meus irmãos pelo apoio, sempre, Luís Carlos, William, Francisca e Cristina.

Ao Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Campus São Gabriel da Cachoeira, pela receptividade, complacência e parceria enquanto docente.

A Universidade Federal do Ceará (UFC), pela assistência e hospitalidade enquanto discente.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“O que ocorre, de fato, é que quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos, desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.” (MIKHAIL BAKHTIN).

RESUMO

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 -1975) aborda os mais variados temas relacionados a Ciências Humanas. É por meio do seu multifacetado enfoque teórico que Bakhtin perpassa pelo estudo das questões relativas ao sujeito. Entretanto, esse pensador não escreveu nenhum folheto, livro ou artigo dedicado expressamente a essa categoria. A formação do sujeito, no pensamento de Mikhail Bakhtin, é uma temática que perpassa por muitas de suas obras e tem como uma forte característica a influência do contexto histórico e do meio social. Ademais, essa temática, na maioria das vezes, é abordada em relação a outros três conceitos, a saber: a linguagem, a consciência e a ideologia. Neste sentido, esta tese tem como objetivo compreender como se dá a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia no pensamento de Mikhail Bakhtin. Em um sentido geral, trabalho com a hipótese segundo a qual as correntes que abordaram a categoria do sujeito não o compreenderam de forma dialética, mas unilateral (subjativa e abstratamente). Pretendo evidenciar que os conceitos de linguagem, consciência e ideologia, enquanto elementos constitutivos da formação do sujeito, não são trabalhados de maneira a considerar o aspecto histórico-social do mesmo. É imprescindível pontuar que disso emerge a importância de Bakhtin para a educação, pois, por meio de seus escritos, é possível evidenciar o comprometimento que a educação deve ter em trabalhar com uma concepção de sujeito enquanto um ser concebido a partir de seu contexto real e histórico-social. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e se desenvolve por meio de interlocução crítico-discursiva. Concluo que: Com base no pensamento bakhtiniano, é possível delinear o conceito de sujeito como sendo algo contextualizado sócio e historicamente. É uma categoria emergida como resultado de uma síntese dialética da realidade material circundante, sendo que essa realidade condiciona, principalmente, três aspectos que são constitutivos de sua formação: a linguagem, a consciência e a ideologia. A consciência é um atributo do sujeito, um de seus elementos constitutivos. A linguagem é personificada na sua função de signo e torna-se o meio de expressão da atividade interior do sujeito, já a ideologia é inerente ao signo linguístico, pois onde existe signo existe ideologia. Ademais, a tese demonstra Bakhtin enquanto um pensador irrecusável para a educação. Neste sentido, trazer a questão do sujeito enquanto um ser do diálogo, enquanto um ser que tem uma consciência que reflete a realidade externa e está permeada por um contexto ideológico é algo que a educação deve levar em consideração na construção de seus processos.

Palavras-chave: Educação. Formação do sujeito. Linguagem. Consciência. Ideologia.

ABSTRACT

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 -1975) approach the most varied themes related to Human Sciences. It is through his multifaceted theoretical approach that Bakhtin writes about issues related to the subject. However, this thinker did not write any pamphlet, book or article expressly dedicated to this category. The formation of the subject, in the thought of Mikhail Bakhtin, is a theme that runs through many of his works and has as a strong characteristic the influence of the historical context and the social environment. Furthermore, this theme is addressed more frequently in relation to three other concepts, namely: language, consciousness and ideology. In this sense, this thesis aims to understand how the formation of the historical-social subject takes place from the concepts of language, conscience and ideology in the thought of Mikhail Bakhtin. In a general sense, I work with the hypothesis according to which, the currents that approached the category of the subject did not understand it in the dialectical perspective, but rather unilaterally (subjectively and abstractly). I intend to show that the concepts of language, conscience and ideology, as constitutive elements of the formation of the subject, are not worked in a way to consider the historical-social aspect of the subject. It is essential to point out that, from this emerges the importance of Bakhtin for education, because, through his writings, it is possible to evidence the commitment that education must have in working with a conception of the subject as a being conceived from its context real and socio-historical. This research is characterized as bibliographical, qualitative and is developed through critical-discursive interlocution. I conclude that: Based on Bakhtinian thought, it is possible to delineate the concept of subject as being something socially and historically contextualized. It is a category that arises as a result of a dialectical synthesis of the reality that surrounds it, and this reality conditions, mainly, three aspects that are constitutive of its formation: language, conscience and ideology. Consciousness is an attribute of the subject, one of its constitutive elements. Language is personified in its function as a sign and becomes the means of expression of the subject's inner activity. ideology is inherent to the linguistic sign, where there is a sign there is ideology. Furthermore, the thesis demonstrates Bakhtin as an irrecusable thinker for education. In this sense, bringing up the issue of the subject as a being of dialogue, as a being who has a conscience that reflects external reality and is permeated by an ideological context, it is something that education must take into account when building its processes.

Keywords: Education. Formation of the subject. Language. Conscience. Ideology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O ANTI-HISTORICISMO E O ANTISOCIALISMO DO SUJEITO NA TEORICIZAÇÃO DA LINGUAGEM E NA CONCEPÇÃO FREUDIANA...	15
2.1	Mikhail Bakhtin e a necessidade de uma teoria da linguagem de base histórico-social	16
2.2	A linguagem, a consciência e a questão do sujeito a partir do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato	19
2.3	O sujeito e o motivo ideológico da concepção freudiana.....	30
3	A REPLICA BAKHTINIANA AO ANTI-HISTORICISMO E ANTISOCIALISMO DO SUJEITO	36
3.1	A visão crítica Bakhtiniana acerca do subjetivismo idealista e objetivismo abstrato.....	37
3.2	Refutações à concepção de sujeito no freudismo.....	42
3.3	O psiquismo e o signo interior na formação do sujeito	46
4	ESTUDO DA LINGUAGEM E DO SUJEITO A PARTIR DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS	50
4.1	Polifonia: o sujeito e as múltiplas vozes	51
4.2	Dialogismo: da crítica ao monologismo ao processo de interação entre os sujeitos	54
4.3	A diversidade de gêneros do discurso em Mikhail Bakhtin.....	60
5	LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO-SOCIAL EM MIKHAIL BAKHTIN.....	66
5.1	A matriz sociológica da consciência na formação do sujeito	66
5.1.1	A relação entre consciência e ideologia na formação do sujeito histórico-social.....	72
5.2	Os fundamentos sociais da linguagem	75
5.2.1	A importância da palavra na formação do sujeito	79
5.2.2	Considerações acerca da relação entre linguagem e educação em Mikhail Bakhtin.....	84
5.3	O signo ideológico na formação do sujeito	86
6	CONCLUSÃO.....	96
	REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) desenvolveu e aprimorou uma teoria inovadora e incitante, que contempla os mais diversificados assuntos no campo da educação, principalmente na área de Ciências Humanas. Suas pesquisas norteiam até hoje estudos e teorias pelo mundo, abrangendo temas relacionados à História, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociolinguística, Análise do Discurso e Semiótica. O que surpreende os leitores de Bakhtin, especialmente no que diz respeito à atualidade de seu discurso, é a maneira como ele elabora uma correlação entre essas diversas áreas. Neste sentido, Bakhtin é conhecido por sua visão translinguística.

É por meio do seu multifacetado enfoque teórico que Bakhtin perpassa pelo estudo das questões relativas ao sujeito. Cabe ressaltar que esse pensador não escreveu nenhum folheto, livro ou artigo dedicado expressamente a essa categoria. Assim, suas considerações acerca desse tema encontram-se disseminadas ao longo de toda a sua obra. Mediante essas considerações, minha tese tem como objetivo compreender como se dá a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia no pensamento de Mikhail Bakhtin. Pontuo ainda que a escolha dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia se dá pelo fato de que a categoria do sujeito, quando abordada na teoria bakhtiniana, vem, na maioria das vezes, concatenada a esses três conceitos.

Acredito que a pesquisa possa contribuir para a educação, pois ela faz um alerta para que a mesma não trabalhe a categoria do sujeito baseada em posturas subjetivas, idealistas e/ou abstratas. Em vista disso, o que motivou a pesquisa foi o desejo de contribuir com o campo educacional, por meio de uma teoria do sujeito que, a partir de suas características constitutivas, venha a fundamentá-lo dentro de uma construção histórico-social. Diante desse fato, procuro, por meio de quatro questões norteadoras, abordar a temática supracitada. Assim, as questões que norteiam o trabalho, as quais tento responder ao longo do desenvolvimento serão: como se dá a compreensão acerca da categoria do sujeito pelos teóricos linguistas do século XX e por Freud¹? Qual a posição bakhtiniana

¹ A escolha de Freud dá-se pelo fato de ele caracterizar-se como um dos principais interlocutores de Bakhtin. Neste viés, essa interlocução ocorre, principalmente, quando se trata das questões relativas à categoria do sujeito. Ademais, como Bakhtin (2017) mesmo pontua, Freud virou o grande

frente a essas abordagens? De que maneira se estabelece a relação entre o sujeito e os conceitos próprios do pensamento bakhtiniano? Como ocorre a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia?

Em relação à escolha das questões, justifico que, no que concerne à escolha da primeira questão (*como se dá a compreensão acerca da categoria do sujeito pelos teóricos linguistas do século XX e por Freud?*), ela se dá em função de que as correntes linguísticas e a teoria freudiana caracterizam-se como o meio no qual Bakhtin estava inserido. Portanto, a escolha dessa problemática busca trazer o meio teórico-intelectual de inserção do pensador, neste viés, procurando explicar a categoria do sujeito frente a essas posturas.

No que concerne à escolha da segunda questão (*Qual a posição bakhtiniana frente a essas abordagens?*), é uma indagação que emerge do primeiro questionamento. Isto é, uma resposta a esse questionamento busca trazer a posição de Bakhtin com relação ao sujeito frente a essas posturas. No que se refere ao terceiro questionamento (*De que maneira se estabelece a relação entre o sujeito e os conceitos próprios do pensamento bakhtiniano?*), entendo que: após uma contextualização do meio intelectual no qual Bakhtin está inserido, é importante pontuar como essa categoria é trabalhada em relação a outros conceitos próprios desse pensador.

No que tange à escolha da última questão (*Como ocorre a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia?*), ela compreende a centralidade de justificação do objetivo geral da pesquisa. É através de uma resposta a esse questionamento que busco mostrar a evidência da formação do sujeito histórico-social, concatenado aos conceitos de linguagem, consciência e ideologia.

Seguindo a mesma lógica das questões norteadoras da pesquisa, o percurso de desenvolvimento está dividido em quatro capítulos. A justificativa dessa divisão reflete a tentativa de resposta a cada uma das questões que foram colocadas no parágrafo anterior. No primeiro capítulo, inicio trazendo a necessidade de uma teoria da linguagem de firmamento histórico-social (que deveria ter sido concebida pelo marxismo) e que, em último caso, considere a formação do sujeito a partir desses aspectos. Após expor essa crítica, dentro da ótica bakhtiniana, procuro

foco nos círculos burgueses e intelectuais, tornando-se um pensador basilar para aqueles que desejassem compreender a Europa daquela época.

mostrar como a categoria do sujeito foi ponderada em relação aos teóricos linguistas do século XX e em relação à concepção freudiana. Vale considerar que esses teóricos estão subdivididos em três correntes, a saber: a corrente do *subjetivismo idealista* (ou *subjetivismo individualista*), a corrente do *objetivismo abstrato* e a corrente *freudiana*.

No segundo capítulo, trago a visão crítica de Mikhail Bakhtin frente às posturas anteriormente citadas, bem como seu ponto de vista acerca da formação do sujeito com base nos conceitos de psiquismo e signo interior. No terceiro capítulo, busco compreender como ocorre a relação entre o sujeito e os conceitos próprios da teoria Bakhtiniana, tais como: polifonia, dialogismo e gêneros discursivos. No quarto capítulo, busco trazer como ocorre a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia. Por fim, trago minhas conclusões.

Em um sentido geral, trabalho com a hipótese de que as correntes que abordaram a categoria do sujeito não o compreenderam de forma dialética, mas unilateral (subjetiva e abstratamente). Nessa perspectiva, pretendo evidenciar que os conceitos de linguagem, consciência e ideologia, enquanto elementos constitutivos da formação do sujeito, não são trabalhados de maneira que considerem os aspectos histórico-sociais deste. É imprescindível pontuar que disso emerge a importância de Bakhtin para a educação, pois, por meio de seus escritos, é possível evidenciar o comprometimento que a educação deve ter em trabalhar com uma concepção de sujeito enquanto um ser que se concebe a partir de seu contexto real e histórico-social.

Essa pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa. O seu desenvolvimento se dá por meio de interlocução crítico-discursiva, fundamentada em Mikhail Mikhailovich Bakhtin, principalmente através das seguintes obras: *O freudismo: um esboço crítico* (2017); *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2006); *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008); *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999); *Estética da criação verbal* (2011); e *Os gêneros do Discurso* (2016).

Ademais, cabe pontuar os autores nacionais e estrangeiros que colaboraram para a divulgação do conjunto da obra de Bakhtin e que foram

utilizados na pesquisa: Beth Brait; Carlos Alberto Faraco; José Luiz Fiorin; Paulo Bezerra; Pável Nikoláievitch Medviédev; Tzvetan Todorov e Victor Duvakin.

2 O ANTI-HISTORICISMO E O ANTISSOCIALISMO DO SUJEITO NA TEORICIZAÇÃO DA LINGUAGEM E NA CONCEPÇÃO FREUDIANA

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2006)², Bakhtin inicia apresentando a evidente necessidade de uma teoria da linguagem de base histórica e social que, em última instância, considere a formação do sujeito a partir desses aspectos. O pensador acredita que a teoria marxista deveria ter se encarregado desta tarefa, uma vez que o marxismo situa-se no ponto de convergência de uma série de domínios dos problemas linguísticos. Devido a essa falta de Marx, e do marxismo em seu conjunto, as correntes teórico-metodológicas que trataram desse tema não compreendem a linguagem de forma dialética, mas unilateral (subjetiva e abstratamente). Assim, as consequências advindas dessa má compreensão recaem diretamente na definição do processo de formação do sujeito histórico-social.

Para Bakhtin, a abordagem da categoria do sujeito que se consolida por meio do pensamento filosófico linguístico do século XX materializa-se a partir de duas orientações denominadas por ele de *subjetivismo idealista* (ou *subjetivismo individualista*) e *objetivismo abstrato*.

O *subjetivismo idealista* parte de uma abordagem do conceito de linguagem onde os condicionamentos determinantes da linguagem no sujeito são produzidos a partir da consciência do sujeito. Já o *objetivismo abstrato*, traz o sistema linguístico como centro organizador de todos os fatos da linguagem.

Na obra *O freudismo: um esboço crítico* (2017), Mikhail Bakhtin estende esse posicionamento acerca da compreensão da categoria do sujeito no século XX à *corrente freudiana*. Neste sentido, Bakhtin mostra que, em Freud, o processo de formação do caráter do sujeito transcorre no psiquismo subjetivo, ademais, Freud, ao assinalar o processo de formação da subjetividade humana³ limitada ao psiquismo subjetivo, concorre para justificar o desejo sexual como traço determinante do sujeito.

² Livro publicado na Rússia no ano de 1929. Nesta pesquisa utilizamos a versão em português publicada pela editora Hucitec, no ano de 2006. Sendo que essa se consolida como uma das principais obras utilizadas nesta pesquisa.

³ Embora Bakhtin não traga um conceito, em sua complexidade, sobre o que seria a subjetividade, infere-se que a subjetividade, nesse contexto e contrariamente ao pensamento de Freud, não está limitada ao psiquismo do sujeito, assim, a subjetividade, a exemplo de outros conceitos bakhtinianos, é algo inerente ao processo de formação humana condicionada pela realidade exterior.

2.1 Mikhail Bakhtin e a necessidade de uma teoria da linguagem de base histórico-social

Os escritos de Mikhail Bakhtin, em seu conjunto, sobressaem-se em relação à produção soviética e em matéria de Ciências Humanas. Entretanto, de acordo com Todorov (2011), em meio a toda essa admiração há um elemento de perplexidade, pois muitos de nós somos inevitavelmente obrigados a perguntar: quem é Bakhtin? Em sua longa vida, sob o poder soviético, Bakhtin experimentou todo o espectro de consequências que um escritor pode ter, desde a censura, prisão e banimento; até a fama e a adulação. Esses acontecimentos deixaram Bakhtin extremamente cauteloso nos últimos anos⁴. (HOLQUIST, 1993).

O pensamento bakhtiniano tem como característica um teor considerável de complexidade. Isso se justifica pelo fato de que o pensador russo não se preocupou em elaborar uma teoria ou uma metodologia pronta e acabada. Assim, sua obra parece-me estrategicamente marcada pela diversidade e pela heterogeneidade de seu discurso. De todo modo, as características de seu pensamento não deixam nada a desejar, no que se refere à competência e ao discernimento acerca dos mais variados temas e assuntos.

As pesquisas de Bakhtin contribuem para vários campos da educação e abrangem temas relacionados à História, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociolinguística, Análise do Discurso e Semiótica⁵. Cabe salientar que sua maior contribuição foi o legado dos estudos acerca da linguagem⁶, considerado por muitos estudiosos como uma visão *translinguística*. Neste sentido, Bakhtin defende que a língua não se encaixava em um sistema isolado e que qualquer análise linguística deveria tratar também de outros fatores como: a relação do emissor com o receptor,

⁴ Bakhtin foi proibido de viver em grandes cidades e se estabeleceu em Saransk, foi isolado do circuito acadêmico e literário da União Soviética, nesse período começou a trabalhar como professor de escolas públicas. Foi somente na década de 1960 que três estudantes (Kójinov, Botcharov e Gátchev) ajudaram Bakhtin a se reintegrar ao cenário intelectual do país e a editar suas obras.

⁵ Entretanto, foi somente a partir de 1963 que Bakhtin começou a gozar de certa notoriedade. O reconhecimento do seu nome como um dos principais pensadores do século XX ocorre, de fato, na difusão da sua produção teórica no mundo ocidental. Essa difusão ocorreu, mais especificamente, no final dos anos 60 e início dos anos 70, com a chegada de seus textos na França e nos Estados Unidos. Devido à teoria bakhtiniana constituir-se como um fato recente, não se encontra ainda uma grande crítica ou uma *crítica da crítica* em relação ao seu pensamento.

⁶ Neste sentido, Bakhtin escreveu obras como: *Estética da Criação Verbal*; *Problemas da poética de Dostoiévski*; *Questões de Literatura e de Estética*; *Marxismo e filosofia da linguagem* e muitas outras.

bem como o contexto social, histórico, cultural e ideológico. Se a língua não for tratada dessa forma, não há possibilidade de compreensão humana. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Bakhtin ficou conhecido, ainda, por ser líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por um grupo de teóricos russos, que foram denominados de *O Círculo de Bakhtin*⁷. Faziam parte desse grupo figuras como Valentin Nikoláievitch Volóchinov (jovem professor do Conservatório de Música de Vítebsk) e Pável Nikoláievitch Medviédev⁸. Os dois tornaram-se alunos, amigos e admiradores de Bakhtin⁹.

Para adentrarmos na teoria Bakhtiniana, por uma questão norteadora de nossa pesquisa, gostaria de destacar, primeiramente, o que este pensador entende por histórico e por social. O histórico para Bakhtin é um meio de construção dialética, similar e influenciado pelo pensamento marxista, não é um conceito desenvolvido a partir de elementos abstratos e/ou idealistas. O histórico é uma construção onde ocorrem os conflitos da classe. Por isso, para Bakhtin, esse meio é, ainda, uma arena onde se confrontam os índices sociais de valores através da língua. O Social está interligado ao conceito de histórico. Bakhtin define o social como “um todo”, é onde o ser humano se torna culturalmente produtivo e historicamente real. Social opõe-se ao individual e é, ainda, o meio no qual o sujeito realiza seu processo de expressão exterior, é seu campo de interação. (BAKHTIN, 2006; 2017).

Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem foi um livro publicado em 1929 por Valentin

⁷ Neste sentido, foi com uma enorme dificuldade que um grupo de jovens admiradores, no início dos anos 60, o convenceu a publicar novamente. (HOLQUIST, 1993). *O Círculo de Bakhtin* foi um lugar de ideias inovadoras, em uma época de muita criatividade, particularmente no domínio da Arte e das Ciências Humanas. Essa expressão também é utilizada porque as formulações e as obras elaboradas pelo círculo são produto de reflexão de um grupo que tinha a participação de diversos outros intelectuais, entre os quais podemos destacar: V. N. Volochínov (1895-1936) e P. Medviédev. (BRAIT; CAMPOS, 2009).

⁸ Teórico e historiador da literatura, crítico literário, professor da Universidade de Leningrado e integrante ativo de três fenômenos eminentes da cultura russa: 1 - A renascença cultural de Vítebsk, 2 - O teatro itinerante de Petersburgo e 3 - O círculo científico-filosófico de Bakhtin. Medviédev foi o fundador de uma teoria da literatura em que fazia oposição ao método formal na Rússia. Esse pensador dedicava-se aos estudos do método formal nos estudos literários. (MEDVIÉDEV, 2012).

⁹ De acordo com Faraco (2009), o tema da linguagem se tornou tão forte para os membros do círculo, que foi reconhecido por muitos estudiosos como o elemento que unia o pensamento do grupo, considerando a diversidade de interesses que havia nele.

Volóshinov¹⁰. Entretanto, acabou-se descobrindo que a obra em questão e várias outras¹¹, publicadas no final dos anos vinte, com autoria de Volóchinov, foram escritas, na verdade, por seu mestre Bakhtin¹². Na obra em questão, o pensador toma como ponto de partida a necessidade de uma teoria linguística que leve em consideração os aspectos histórico-sociais da linguagem.

De acordo com Bakhtin, Marx e o marxismo em seu conjunto deveriam ter sido a vertente responsável por uma abordagem sociológica dos problemas linguísticos. Bakhtin, em relação a essa crítica, faz menção primeiramente ao próprio Marx e Engels. Neste sentido, ele acrescenta que “as categorias do tipo mecanicista implantaram-se solidamente em todos os domínios a respeito dos quais os pais fundadores, Marx e Engels, pouco ou nada disseram.” (BAKHTIN, 2006, p.24). Além disso, ele remete ao marxismo soviético em seu conjunto, apesar de destacar a figura de Plekhánov, que faz um esboço crítico sobre a literatura da época, ele acrescenta: “mesmo a crítica literária, que, graças a Plekhánov, é, todavia, a mais desenvolvida dessas ciências, nada pôde fornecer de útil ao nosso objeto de estudo” (a linguagem)¹³”.

Bakhtin acredita que o marxismo situa-se no ponto de convergência de uma série de domínios dessas questões, assim, a resolução desses conflitos seria algo essencial para a sua própria concepção. O pensador pontua ainda que o marxismo não tem dado a devida importância para os problemas da linguagem. Vejamos:

¹⁰ Como já afirmamos, Nikoláievitch Volóchinov era jovem professor do Conservatório de Música de Vitebsk. Era aluno, amigo devoto e admirador de Bakhtin.

¹¹ Como, por exemplo, *O Freudismo: um esboço crítico* (1927) e alguns ensaios que tratavam sobre a linguagem na vida e na poesia.

¹² De acordo com Bubnova (2009), difundiu-se no ocidente, a partir das afirmações do semiólogo Viacheslav Ivanovich Ivánov, que a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem* não pertencia a Volóchinov e sim a seu mestre Bakhtin. As traduções que foram surgindo, posteriores aos estudos de Ivánov, variam, atribuindo a autoria ora a um, ora a outro e, por muitas vezes, aos dois. Ao que se sabe, Bakhtin recusava-se a fazer concessões à fraseologia da época e a certos dogmas impostos aos autores. Segundo o professor V. V. Ivánov, amigo e aluno de Bakhtin, havia duas espécies de motivos para Bakhtin não assinar a obra em questão. Em primeiro lugar: Bakhtin teria recusado as modificações impostas pelo editor; de caráter transigente, ele teria preferido não publicar ao invés de ter que mudar uma vírgula. Volochínov e Medviédev ter-se-iam, então, proposto a endossar as modificações. A outra ordem de motivos para não assinatura seria mais pessoal e ligada ao caráter de Bakhtin, em particular, ao seu gosto pela máscara, pelo desdobramento e também por sua profunda modéstia científica. Bakhtin teria professado que um pensamento verdadeiramente inovador não tem necessidade (para assegurar sua duração) de ser assinado por seu autor.

¹³ Atualmente compreendo a crítica Bakhtiniana ao marxismo como uma crítica viva, no sentido de reivindicar um envolvimento maior, por parte do marxismo, com as questões da linguagem.

Os problemas da filosofia da linguagem adquiriram, recentemente, uma atualidade e uma importância excepcionais para o marxismo. Na maioria dos setores mais importantes do seu desenvolvimento científico. O método marxista vai diretamente de encontro a esses problemas e não pode avançar de maneira eficaz sem submetê-los a um exame específico e encontrar-lhes uma solução. (BAKHTIN, 2006, p. 29).

Devido a essa falta de Marx e do marxismo em seu conjunto, as correntes teórico-metodológicas que tratam desse tema não compreendem a linguagem de forma dialética, mas como algo intangível e imutável. Assim, ele defende que não existe, no século XX, uma única análise marxista no domínio da linguagem feita por grandes pensadores. Nem sequer há nos trabalhos marxistas alguma formulação, a respeito desta, que seja precisa e desenvolvida. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Uma das consequências dessa falta de abordagem marxista, acerca dos problemas da linguagem, recai diretamente sobre a compreensão do sujeito. Isso ocorre porque essa categoria possui um vínculo direto com a realidade histórica e social. Essa posição se confirma ainda se levarmos em consideração que as correntes que buscaram tratar desse tema relegaram a linguagem e com ela, conseqüentemente, o sujeito para os confins do idealismo e do abstrativismo. É neste sentido que Bakhtin irá afirmar que o *espírito filosófico do marxismo* deixou uma lacuna no que se refere à compreensão do sujeito enquanto um ser histórico-social, pois não penetrou os domínios da linguagem como deveria. (BAKHTIN, 2006, 2011).

É por isso que a base filosófica bakhtiniana, no que se refere à compreensão do sujeito, busca compreendê-lo a partir da formação de um conceito de linguagem que se consolide enquanto um processo dialógico próprio da natureza humana. Por essa razão, esse processo dialógico deve revelar-se por meio de um sujeito que se encontre ante as contradições e conflitos da práxis¹⁴.

2.2 A linguagem, a consciência e a questão do sujeito a partir do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato

Bakhtin, buscando compreender os fundamentos da linguagem, bem como suas implicações na formação do sujeito, inicia elaborando uma análise acerca das tendências que permeiam o pensamento de sua época. É nessa

¹⁴Cabe ressaltar que essas características de Bakhtin deixam desvelar sua influência marxista ao longo do seu conjunto de obras.

perspectiva que ele dialoga e se distancia de duas concepções por ele denominadas de *subjetivismo idealista (ou subjetivismo individualista)* e *objetivismo abstrato*. O pensador afirma que a primeira concepção procura defender a criação individual do sujeito como fundamento da língua, nesse viés as leis da criação linguística passam a ser, essencialmente, as leis da psicologia individual. Bakhtin explicita:

O subjetivismo idealista interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação linguística são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (BAKHTIN, 2006, p.71).

Para Bakhtin, Wilhelm Humboldt¹⁵ foi um dos mais evidentes representantes desta primeira tendência. Ele acredita que Humboldt foi quem estabeleceu os principais fundamentos dessa corrente e afirma que as premissas que foram citadas, imediatamente no parágrafo anterior, carregam uma síntese de todo o pensamento humboldtiano¹⁶. Bakhtin acrescenta:

Pode-se dizer que toda a linguística após ele, e até nossos dias, encontra-se sob sua influência determinante. O pensamento humboldtiano é mais amplo, mais complexo e apresenta mais contradições; razão pela qual Humboldt pôde tornar-se o iniciador de diferentes correntes profundamente divergentes entre si. Contudo, o núcleo fundamental das ideias humboldtianas constitui a expressão mais forte e mais profunda das tendências essenciais da primeira escola. (BAKHTIN, 2006, p.72)

Na obra *Os gêneros do Discurso (2016)*, Bakhtin vai argumentar que Humboldt, apesar de não negar a função comunicativa da linguagem, coloca-a em segundo plano, como algo secundário. Esse pensador promovia ao primeiro plano a função da formação do pensamento independente da comunicação.

Os adeptos mais tardios do *subjetivismo idealista* não atingiram a mesma profundidade das ideias e a síntese filosófica de Humboldt. Esta linha de

¹⁵Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) foi funcionário do governo, diplomata, filósofo, fundador da Universidade de Berlim (hoje, Humboldt-Universität), amigo de Goethe e especialmente de Schiller. Humboldt é um pensador conhecido principalmente por suas importantes contribuições à filosofia da linguagem, à teoria e prática pedagógica e por ter influenciado o desenvolvimento da filologia comparativa. É ainda visto por muitos intelectuais como o pai do sistema educacional alemão, que foi usado como modelo em países como os Estados Unidos e o Japão. (HUMBOLDT, 2004).

¹⁶Humboldt, de acordo com Bakhtin e outros pensadores, apresentam suas ideias principais acerca da filosofia da linguagem em *Linguistic Variability and Intellectual Development* e *Vorstudie zur Einleitung zum Kawiwerk*. Entretanto, vale ressaltar que há uma grande quantidade de trabalhos sobre Humboldt.

pensamento viu-se consideravelmente enfraquecida. Bakhtin argumenta que em Heymann Steinthal¹⁷, por exemplo, já não se encontra mais a amplitude que Humboldt alcançou. Em compensação, Steinthal adota uma postura mais metódica e ao longo de sua obra percebe-se um grande esforço de precisão e de sistematização metodológica. Também para Steinthal, o psiquismo individual do sujeito constitui a fonte da língua, enquanto que as leis do desenvolvimento linguístico são leis, necessariamente, psicológicas.

Já no psicologismo empirista de Wilhelm Maximilian Wundt¹⁸ e seus discípulos, os fundamentos do *subjetivismo idealista* encontram-se de forma bastante simplória. Para Bakhtin, a teoria de Wundt resume-se da seguinte maneira: todos os fatos da língua, sem exceção, prestam-se a uma explicação fundada na psicologia individual do sujeito. Todas as suas explicações dos fatos da língua, da mitologia e da religião se ligam a explicações puramente psicológicas. Neste sentido, Wundt não reconhece a existência de nada que não seja irredutível às leis da psicologia individual. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Bakhtin pontua, ainda, como um dos principais representantes da primeira tendência, Karl Vossler¹⁹ e seus discípulos²⁰. Assim, para Bakhtin, o conjunto de concepções linguístico-filosóficas de Vossler e de sua escola pode ser traduzido como um resumo do *subjetivismo idealista*. O que caracteriza primordialmente a escola de Vossler é o aparecimento, em primeiro plano, do que ele chama de

¹⁷Heymann Steinthal nasceu em Gröbnitz, Saxônia-Anhalt, em 1823. Local onde permaneceu por toda sua infância e juventude. Steinthal estudou Filologia e Filosofia na Universidade Friedrich-Wilhelms em Berlim. Durante seus estudos, Steinthal foi fortemente influenciado pelos escritos de Wilhelm Von Humboldt, cuja obra linguística ele publicou a partir de 1884. Steinthal se formou em 1847 e concluiu sua tese de habilitação sobre Humboldt e Hegel em 1849. Começou a dar aulas na Universidade Friedrich-Wilhelms em 1850. Três de suas principais obras que tratam sobre os estudos da linguagem são: *Die Sprachwissenschaft W. von Humboldts und die Hegel'sche Philosophie; Gramática, lógica, psicologia: Ihre Prinzipien und Ihre Verhältniss zu Einander; Filologia, História e Psicologia em Ihren Gegenseitigen Beziehungen*.

¹⁸Wilhelm Maximilian Wundt, nascido em 16 de agosto de 1832, Neckarau – Alemanha, morreu em 31 de agosto de 1920 Grossbothen, Alemanha. Fisiologista e psicólogo alemão, geralmente reconhecido como o fundador da psicologia experimental. Principais obras de Wundt: *Principles of Physiological Psychology; An Introduction To Psychology; Elements of Folk Psychology; The language of gestures* e outras.

¹⁹Karl Vossler (1872 – 1949) era conhecido por seu interesse no pensamento italiano e como seguidor de Benedetto Croce. Ele declarou seu apoio às forças armadas alemãs, assinando o Manifesto dos Noventa e Três em 1914. No entanto, ele se opôs ao governo nazista e apoiou muitos intelectuais judeus na época. Em 1897, Vossler recebeu seu doutorado na Universidade de Heidelberg e em 1909 foi nomeado professor de estudos de romance na Universidade de Würzburg. A partir de 1911, deu aulas na Universidade de Munique. Foi, portanto, linguista e estudioso alemão que escreveu obras como: *O espírito da linguagem na civilização; Cultura medieval: uma introdução a Dante e seus tempos; Filosofia da linguagem*, etc.

²⁰Cito Bakhtin “Basta lembrar, ao lado do próprio Vossler, discípulos tais como Leo Spitzer e Lorek, Lerch.” (BAKHTIN, 2006, p.74).

componente ideológico significante da língua. Assim, o motor principal da criação linguística no pensamento vossleriano é o *gosto linguístico*, variedade particular do *gosto artístico*. “O gosto linguístico é justamente esta verdade linguística absoluta que dá vida à língua e que o linguista se esforça por descobrir em cada fato da língua, a fim de dar-lhe uma explicação adequada” (BAKHTIN, 2006, p.74-75).

Para reforçar seu argumento, Bakhtin cita Vossler:

Só pode ter pretensões a um caráter científico, uma história da língua que examine toda a hierarquia causal pragmática com a única finalidade de aí descobrir uma ordem estética, a fim de que o pensamento linguístico, a verdade linguística, o gosto linguístico ou, como diz Humboldt, a forma interior da língua através de suas transformações condicionadas por fatores físicos, psíquicos, políticos, econômicos e culturais em geral, tornem-se claros e compreensíveis²¹ (VOSSLER, 1910 *apud* BAKHTIN, 2006, p.75).

Para Vossler, os fatores que determinam os fatos da língua (físicos, políticos, econômicos, etc.) não possuem uma significação direta para o sujeito. Para ele só importa o sentido artístico de um dado fato da língua. A concepção que ele tem da língua traduz-se em uma concepção puramente estética. “A própria ideia de língua é por essência uma ideia poética; a verdade da língua é de natureza artística, é o belo dotado de sentido.” (VOSSLER, 1910, *apud* BAKHTIN, 2006 p.75).

Bakhtin conclui o pensamento acerca de Vossler afirmando que: “compreende-se que não é um sistema linguístico acabado, no sentido da totalidade dos traços fônicos, gramaticais e outros, mas sim o *ato de criação individual da fala*, que será para Vossler o fenômeno essencial, a realidade essencial da língua²²”. (BAKHTIN, 2006, p.75).

Entre os representantes contemporâneos do *Subjetivismo idealista* convém citar ainda, de maneira sucinta, o filósofo e crítico literário Benedetto Croce²³, em razão de sua grande influência sobre o pensamento filosófico linguístico e sua crítica literária na Europa. Bakhtin (2006; 2011) assinala que as ideias de Benedetto Croce são, em muitos aspectos, próximas as de Vossler. Para Croce,

²¹“Grammatika i istoria iaziká” (Gramática e História da Língua) *In: Logos*, vol. 1, 1910, p. 170.

²²Neste sentido, Bezerra (2011, p. 348) acrescenta que: “Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a escola de Vossler é caracterizada como ‘uma das correntes mais poderosas do pensamento linguístico-filosófico atual’. Para os vosslerianos, a realidade linguística é a atividade criadora constante, realizada por atos individuais de discurso.”

²³Benedetto Croce (1866 - 1952) foi um historiador, escritor, filósofo e político italiano. Os seus escritos giram em torno de um largo espectro temático, sobretudo em relação à estética e à filosofia da história. É considerado uma das personalidades mais importantes do liberalismo italiano no século XX.

também, a linguagem do sujeito constitui-se como um fenômeno estético. A base ou o termo chave de sua concepção da língua é a palavra *expressão*. Toda *expressão* é, em princípio, de natureza artística. Daí a linguística como ciência da expressão por excelência coincidir com a estética. Segue-se que para Croce o ato de fala individual do sujeito constitui igualmente o fenômeno de base da língua.

Bakhtin, então, elabora quatro proposições que sintetizam todo o fundamento da primeira tendência, a saber:

- 1 A língua é uma atividade, é um processo criativo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
- 2 As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
- 3 A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
- 4 A língua, enquanto produto acabado (*ergon*), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN, 2006).

No que diz respeito às premissas anteriormente citadas e a sua relação com a categoria do sujeito, gostaria de pontuar algumas considerações no tocante à primeira premissa: “a língua é uma atividade, é um processo criativo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”, verifica-se que aí não há qualquer consideração entre o sujeito e o meio social onde se dão todas as relações da língua.

Quanto à segunda premissa que afirma que, “as leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual”, a categoria do sujeito fica à mercê de uma consciência autônoma, pois nesta maneira de pensar, a linguagem dialógica, enquanto fenômeno essencial que caracteriza o gênero humano, não possui um fundamento ligado aos aspectos da vida material, da práxis humana.

Em relação à terceira premissa: “a criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística”, evidencia-se a criação linguística como uma categoria análoga à criação artística, que, em última instância, traduz-se em uma justificativa de subjugar ambos os conceitos à consciência ou ainda em dar primazia à criação artística.

Já em relação à última premissa da corrente do *subjetivismo idealista*: “A língua, enquanto produto acabado (*ergon*), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado”, a língua como depósito inerte desconsidera completamente sua evolução ao longo da história que está, em última instância, baseada na posição e na construção histórica do sujeito.

Fica evidente que Wilhelm Humboldt, Wilhelm Maximilian Wundt, Heymann Steinthal, Karl Vossler e Benedetto Croce constituem-se como notórios representantes da linha de pensamento que Bakhtin denomina de *Subjetivismo idealista*. Esses pensadores dão primazia à consciência individual do sujeito em relação à linguagem. Ademais, cabe dizer que Bakhtin não esgota sua abordagem apenas nesses pensadores, entretanto eles traduzem bem as quatro premissas²⁴, que constituem os fundamentos dessa corrente.

Abordarei agora a definição do *Objetivismo abstrato*, no pensamento filosófico linguístico, e suas implicações sobre o sujeito. De acordo com Bakhtin, para essa tendência, o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se no sistema linguístico, a saber: o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Assim,

Enquanto que para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços idênticos que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. (BAKHTIN, 2006, p.77).

A ideia da língua como sistema de signos arbitrários e convencionais, essencialmente racionais, foi elaborada de forma simplificada já no século XVIII pelos filósofos do *século das luzes*. As ideias que constituem o *objetivismo abstrato*

²⁴As quatro premissas, como já colocadas anteriormente são: 1ª - A língua é uma atividade, é um processo criativo ininterrupto de construção, que se materializa sob a forma de atos individuais de fala; 2ª - As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual; 3ª - A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística; 4ª - A língua, enquanto produto acabado (*ergon*), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado.

vieram à luz primeiramente na França e lá encontraram um terreno fértil para sua disseminação²⁵.

Bakhtin (2006) sintetiza o essencial das considerações da segunda orientação nas seguintes proposições:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas;
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado;
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos, nenhum motor ideológico;
4. Os atos individuais de fala do sujeito constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas.

Para Bakhtin (2006), o traçado histórico da segunda orientação é bem mais difícil de ser elaborado. Pois nela, por exemplo, não encontramos (em seu tempo) representante ou teórico cuja estatura possa se comparar a de Humboldt. É preciso procurar as raízes desta orientação no racionalismo dos séculos XVII e XVIII. Tais raízes mergulham no solo fértil do cartesianismo²⁶. Neste sentido, o pensador acrescenta que a ideia de uma língua convencional e arbitrária é característica de toda corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código linguístico e o código matemático. Para os racionalistas o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou a relação do signo com o indivíduo que o engendra. Mas sim, a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado. Em outras palavras, os racionalistas só têm interesse pela lógica interna do próprio sistema de signos. O signo, nessa perspectiva, é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas que a ele se ligam.

Uma das vertentes mais atuais, para a época dos escritos de Bakhtin, que traduz bem as perspectivas da segunda orientação, seria a chamada escola de

²⁵“É interessante notar que ao contrário da primeira, a segunda orientação desenvolveu-se e continua a desenvolver-se na Alemanha.” (BAKHTIN, 2006, p.84).

²⁶“Não resta qualquer dúvida de que um elo interno une em profundidade a segunda orientação ao pensamento cartesiano e à visão geral do mundo do neoclassicismo com seu culto da forma fixa, racional e imutável. O próprio Descartes não publicou nada sobre a filosofia da linguagem, mas encontramos na sua correspondência observações características.” (BAKHTIN, 2006, p.84).

Genebra, principalmente junto à figura de Ferdinand de Saussure²⁷ e de seus seguidores Charles Bally²⁸ e Albert Sechehaye²⁹. De acordo com Bakhtin, o pensamento saussuriano mostra-se como a mais brilhante expressão do *objetivismo abstrato* em seu tempo. Os representantes desse pensamento, particularmente Charles Bally, estavam entre os maiores linguistas da época. Saussure deu a todas as ideias da segunda orientação uma clareza e uma precisão admiráveis. Suas formulações dos conceitos de base da linguística tornaram-se clássicas. Assim, ele concedeu uma limpidez e um rigor excepcional aos traços essenciais da corrente do *objetivismo abstrato*. (BAKHTIN, 2006; 2011).

A pouca influência que a escola de Karl Vossler tinha na Rússia correspondia inversamente à popularidade que a escola de Saussure detinha. A maioria dos representantes do pensamento linguístico, na Rússia da época, achava-se sob a influência determinante de Saussure e de seus discípulos.

Cabe salientar que me deterei um pouco mais longamente nas concepções de Saussure, devido à imensa importância de seus fundamentos teóricos para toda a segunda orientação.

Primeiramente, cabe pontuar que é inegável a importância de Saussure para a área da linguística. Esse campo, após as considerações saussurianas, passa de uma abordagem superficial para uma análise mais profunda. Ele dá à linguística

²⁷ Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um importante linguista suíço, estudioso das línguas indo-europeias, considerado o fundador da linguística como ciência moderna. Enquanto estudava Física e Química na Universidade de Leipzig, na Alemanha, paralelamente estudava linguística, fazendo curso de gramática grega e latina. Em 1874, iniciou sozinho o estudo de sânscrito, usando a gramática de Franz Bopp. Para se aprofundar nos estudos de linguística, ingressou na Sociedade Linguística de Paris. Em 1876 iniciou os estudos em línguas indo-europeias na Universidade de Leipzig. Ferdinand de Saussure foi nomeado professor de linguística histórica na École des Hautes Études, onde lecionou especialmente Sânscrito, Gótico, Alto Alemão e posteriormente Filologia Indo-Europeia, permanecendo em Paris entre 1881 e 1891. Nessa época, participou ativamente dos trabalhos da Sociedade Linguística de Paris. Seu reconhecimento veio com a publicação da obra póstuma “Cours de Linguistique Générale” (Curso de Linguística Geral), publicado em 1916, três anos após sua morte. A obra foi compilada a partir dos apontamentos de seus discípulos e alunos suíços, dentre os quais podemos destacar Charles Bally e Albert Séchehaye, que reuniram os textos dos cursos ministrados por Saussure durante seus últimos anos na Universidade. (FRAZÃO, 2019).

²⁸ Charles Bally (1865 - 1947) foi um linguista suíço colega e colaborador de Ferdinand de Saussure. Bally permaneceu intimamente associado ao nascimento e à gênese do estruturalismo. Escreveu obras como: *Tratado de estilística francesa; Linguagem e vida; Linguística geral, Linguística francesa* e outras.

²⁹ Albert Sechehaye (1870-1946), linguista e professor universitário franco-suíço que ficou conhecido por ter organizado e editado, juntamente com Charles Bally, o Curso de Linguística Geral, livro que é considerado o mais importante atribuído a Ferdinand Saussure. Escreveu, ainda, obras como: *Der Konjunktiv Imperfecti und seine Konkurrenten in den normalen hypothetischen Satzgefügen im Französischen; Programme et méthodes de la linguistique théorique; Les problèmes de la langue à la lumière d'une théorie nouvelle* e outras.

um status de ciência. Sendo que esse fato leva muitos pensadores a considerarem Saussure como o pai da linguística.

Saussure foi muito importante para a Linguística da época, pois ele apresentou uma resposta em relação à natureza de seu objeto de estudo. Saussure foi o precursor estruturalista que deixou seu legado para o nascimento, ou continuidade, de muitas outras teorias. (JUCHEM, 2008). Não podemos deixar de mencionar aqui, também, as contribuições desse pensador para o estruturalismo linguístico como um todo. Neste sentido, Saussure, ao trazer a língua como um conglomerado de elementos heterogêneos, como um sistema articulado, onde tudo é solidário e onde cada elemento tira seu valor de sua posição estrutural, fundamenta a ideia principal da corrente estruturalista.

A teoria de Saussure parte do princípio de uma tríplice distinção: a linguagem (*le langage*); a língua (*la langue*) como sistema de formas; e a fala (*la parole*) como ato da enunciação individual do sujeito. A língua (*la langue*) e a fala (*la parole*) são os elementos constitutivos da linguagem, compreendida como a totalidade (sem exceção) de todas as manifestações físicas, fisiológicas e psíquicas do sujeito. Esses elementos se entrelaçam entre si para poderem se materializar na comunicação linguística. A linguagem não pode ser, segundo Saussure, o objeto da linguística, pois considerada em si mesma falta-lhe unidade interna, leis independentes e autônomas. É impossível, se permanecermos no terreno da linguagem, fazer uma descrição dos fatos da língua. Assim, a linguagem não pode ser o ponto de partida de uma análise linguística. (SAUSSURE, 1916, *apud* BAKHTIN, 2006).

De acordo com Saussure, o objeto específico da linguística deveria ser a língua, assim:

Não há, no nosso entender, senão uma solução para todas estas dificuldades [trata-se das contradições internas da "linguagem" como ponto de partida de sua análise]: é preciso, antes de tudo, instalar-se no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as demais manifestações da linguagem. Com efeito, em meio a tantas dualidades, só a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (SAUSSURE, 1916, p.24, *apud* BAKHTIN, 2006, p. 86).

Coloca-se aqui um questionamento. Visto que existe uma diferença metodológica entre linguagem e língua, qual é, pois, segundo Saussure, a distinção

de princípio entre esses dois elementos? A língua constitui-se na teoria saussuriana como algo decifrável, é uma unidade, é “um todo em si mesma”, serve como um princípio de classificação. Já a linguagem é multiforme, complexa e difícil de classificar.

Nas palavras de Saussure,

Tomada como um todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; participando de diversos domínios, tanto do físico, quanto do filosófico e do psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, porque não se sabe como isolar sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo em si mesma, e um princípio de classificação. A partir do momento em que lhe atribuímos o maior destaque entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, 1916, p. 25 *apud* BAKHTIN, 2006, pp.86-87).

Tendo distinguido a língua da linguagem, Saussure vai, em seguida, distinguir a língua dos atos individuais de enunciação do sujeito, ou seja, distinguir a língua (*langue*) da fala (*parole*). Neste sentido, de acordo com Saussure, ao separarmos a língua da fala, separamos em primeiro lugar o que é o social no sujeito (a língua) daquilo que é o individual (a fala) e; em segundo lugar: o que é essencial no sujeito (a língua) daquilo que é acessório (a fala).³⁰ (SAUSSURE, 1916, *apud* BAKHTIN, 2006).

A fala proferida pelo sujeito, tal como Saussure a entende, não poderia ser objeto da linguística³¹. Isso porque na fala os elementos que concernem à linguística são constituídos apenas pelas formas normativas da língua que aí se manifestam. Para usar as palavras de Saussure, todo o resto é *acessório e acidental*.

A língua, enquanto elemento constitutivo da formação do sujeito, de acordo com Saussure, possui primazia em relação à linguagem e à fala. Isso ocorre porque a linguagem é algo complexo, amplo e impossível de materializar-se em um

³⁰Bezerra (2011, p.47-48) esclarece que: “O fundamento da doutrina de Saussure é a distinção entre língua (*la langue*) como sistema de signos e formas interligadas, que determina normativamente cada ato particular de fala e é objeto específico da linguística, e a fala como emprego individual da língua. Bakhtin analisou a doutrina de Saussure no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, como uma das correntes centrais do pensamento linguístico filosófico (como corrente do *objetivismo abstrato*).”.

³¹Saussure, na verdade, admite a possibilidade de outra linguística, a da fala, mas ele não diz em que ela poderia consistir. Eis o que ele escreve a respeito: “Há que se escolher entre dois caminhos impossíveis de serem seguidos ao mesmo tempo; eles devem ser trilhados separadamente. Pode-se a rigor conservar o nome de linguística da fala. Mas não se deverá confundi-la com a linguística propriamente dita, aquela em que a língua é o único objeto”. (SAUSSURE, 1916, p. 39).

conceito enquanto unidade. Já a fala é apenas a expressão individual do sujeito, é um mero acessório. No que se refere ao papel da consciência, esse é completamente desprezado. Em relação a esse fato, Bakhtin postula na quarta premissa: os atos individuais de fala do sujeito constituem, em relação aos pensadores do *objetivismo abstrato*, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas.

Saussure e seus seguidores não estão sozinhos enquanto representantes da corrente do *objetivismo abstrato*. Ao lado deles, na concepção bakhtiniana, estariam também a escola sociológica de Émile Durkheim, principalmente com a figura do linguista Paul Jules Antoine Meillet³²; e algumas posições de autoria dos neopragmáticos.

No que concerne a Meillet, de acordo com Bakhtin (2006, p.89), “não é a qualidade de processo, mas a de sistema estável de normas linguísticas, que faz da língua um fenômeno social.” Meillet traz a língua como sistema de normas autônomas. É essa normatividade da língua que define, engendra e concebe o aspecto social do sujeito. Já para algumas concepções neopragmáticas, cujo movimento constitui uma das mais importantes manifestações da linguística na segunda metade do século XIX, Bakhtin acredita que eles realçam o componente menor no ser humano (isto é: o fisiológico). Nas palavras de Bakhtin,

O indivíduo criador da língua é essencialmente, para muitos neopragmáticos, um ser fisiológico. Por outro lado, no terreno psicofisiológico, os neogramáticos tentaram construir leis linguísticas calcadas nas ciências naturais, ou seja, leis imutáveis, completamente privadas do livre arbítrio dos indivíduos locutores. (BAKHTIN, 2006, p.89).

A corrente do *objetivismo abstrato* por muitas vezes parece exprimir-se em premissas que contrariam a postura do subjetivismo *idealista*. Entretanto, em relação à categoria sujeito, essas tendências mantêm uma mesma sintonia, pois a língua enquanto um sistema estável, imutável, de formas linguísticas, não considera a relação que existe entre o sujeito e o seu meio de criação social, bem como a evolução da sua língua ao longo dos tempos históricos. Todas as afirmativas que

³²Paul Jules Antoine Meillet (1866 - 1936), linguista francês com notória importância no início do século XX, iniciou seus estudos na Universidade de Sorbonne, onde foi influenciado por Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e os membros da L'Année Sociologique. Escreveu obras como: *Introdução ao estudo comparativo das línguas indo-européias*; *Linguistique historique et linguistique générale*, *O método comparativo em linguística histórica* e outras.

traduzem os fundamentos da segunda orientação isolam a língua do sujeito falante, como se fossem duas instâncias independentes, como se a língua não se constituísse enquanto um dos fenômenos essenciais que reflete a historicidade e principalmente a sociabilidade do sujeito.

No segundo capítulo desta tese, busco abordar a maneira como Bakhtin estende essa crítica aos teóricos dessas duas orientações de forma mais específica. Antes, porém, é de grande importância a compreensão da categoria do sujeito em outra vertente que estava em voga nesse mesmo período, a saber, a corrente do freudismo.

2.3 O sujeito e o motivo ideológico da concepção freudiana

No início do século XX, tivemos um crescimento notório das posições antipsicologistas. No curso das duas primeiras décadas, pudemos assistir a eventos filosóficos e metodológicos que retratavam bem essas posições, tais como, os trabalhos fundamentais do principal representante do antipsicologismo contemporâneo, Edmund Husserl³³. Entretanto, ainda nesse mesmo século, o antipsicologismo começou a regredir e uma nova onda, aparentemente muito poderosa do psicologismo teve uma grande ascensão. Bakhtin acredita que um dos principais problemas na alternância do psicologismo e do antipsicologismo foi o fato desses acontecimentos não desembocarem em uma síntese dialética. Neste sentido, o pensador acrescenta:

Sob esta etiqueta, o psicologismo mais desenfreado retoma, aceleradamente, todas as posições que teve de abandonar há pouco tempo nas esferas da filosofia e das ciências ligadas à ideologia. Esta vaga de psicologismo não traz consigo nenhuma definição nova da realidade psíquica. O psicologismo mais recente, ao contrário da vaga anterior (segunda metade do século XIX), de natureza positivo-empirista (o representante mais típico é Wundt), tende a comentar o ser interior, a “esfera da atividade mental”, de maneira metafísica. (BAKHTIN, 2006, p.55-56).

³³Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia, rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época. Elaborou críticas do historicismo e do psicologismo na lógica, não se limitando ao empirismo, mas acreditando que a experiência é a fonte de todo o conhecimento. Husserl trabalhou em um método de redução fenomenológica pelo qual um assunto pode vir a conhecer diretamente uma determinada essência.

Bezerra (2017), analisando o contexto histórico no qual Bakhtin estava inserido, argumenta acerca da necessidade de substituição da velha psicologia introspectiva da consciência do sujeito individual, que estava baseada no idealismo filosófico em voga. Foi posta, assim, a necessidade de criar em curto prazo uma nova ciência de base objetiva, capaz de responder os desafios lançados pela nova realidade e dedicar-se à análise de questões práticas de uma Rússia arruinada pela guerra. Para Bezerra, no intuito de se buscar uma psicologia objetiva do sujeito, irão surgir três correntes que tentam abarcar essa questão, são elas: a psicologia do trabalho ou psicotécnica, a reflexologia e a reatologia³⁴.

A psicologia do trabalho ou psicotécnica dedicava-se a estudar a atividade prática do sujeito no aspecto aplicado “concreto” e teve ampla difusão na União das Repúblicas Soviéticas (URSS). Essa difusão materializou-se na criação e instalação de laboratórios em muitas cidades, que se empenhavam na formação de psicotécnicos.

A reflexologia, fundada por Vladimir Mikháilovitch Biékhteriev³⁵ (1867 - 1927), adere depois desta um caráter mais radical. Para essa corrente, todos os processos de pensamento que compõem o sujeito se manifestam objetivamente e têm como ponto de partida os reflexos que ocorrem com a cooperação do cérebro. A reflexologia procura aplicar métodos exclusivamente objetivos, vendo neles um firme ponto de apoio para as conclusões científicas. Para ela, o comportamento é um sistema de reflexos dos quais se constitui a atividade tanto psíquica quanto social do sujeito.

Já a reatologia foi fundada por Konstantin Nikoláievitch Kornílov³⁶ (1879-1957), sendo que esse pensador iniciou a construção da psicologia russa ainda na época soviética, com base na metodologia marxista. Kornílov tinha como meta reformular o conceito de reflexo e ampliá-lo à categoria de reação (resposta)

³⁴ Bakhtin pontua que a tarefa de criar uma psicologia objetiva deve partir do marxismo, assim: “de fato, o marxismo encontra-se frente a uma árdua tarefa: a procura de uma abordagem objetiva, porém refinada e flexível do psiquismo subjetivo consciente do homem, que em geral é analisado pelos métodos de introspecção.” (BAKHTIN, 2006, p.47).

³⁵ Vladimir Mikháilovitch Biékhteriev terminou seus estudos de medicina em São Petersburgo, trabalhou na Alemanha nos serviços de Flechsig, de Westphal e do psicofisiologista Wundt, e posteriormente com Charcot, na Salpêtrière. Em 1887, dirigiu em Kazan o Instituto de Psicofisiologia, onde fundou uma Sociedade de Neuropatologia e Psiquiatria.

³⁶ Konstantin Nikoláievitch Kornílov, nascido em 24 de fevereiro de 1879, em Tiumen, faleceu em 10 de julho de 1957, em Moscou. Psicólogo soviético, membro ativo desde 1943 e vice-presidente até 1950 da Academia de Ciências Pedagógicas da URSS.

visando, desta forma, realizar uma síntese entre a psicologia subjetiva e a psicologia objetiva.

Bakhtin (2017) faz uma rápida consideração em relação à teoria de Kornílov. Para ele, essa síntese teórica entre as duas abordagens da psicologia caracteriza-se como formal e artificial. O pensador acrescenta que a reatologia é uma combinação eclética de princípios marxistas com algumas ideias mecanicistas e energeticista. De acordo com Bakhtin, a reatologia até que consegue descrever quais as tarefas para a criação de uma nova psicologia. No entanto, ela é incapaz de confeccionar um programa que responda a essas tarefas, caindo em um impasse, fato este que leva seu criador a renunciá-la³⁷.

Bezerra acrescenta que:

De um modo geral, o que caracterizou as diversas correntes da psicologia nesse período foi a forte ênfase biológica e fisiológica, decorrente da sua associação imediata com as ciências naturais (biologia, fisiologia, teoria evolucionista), e o empenho de criar uma psicologia como ciência objetiva. Em linhas gerais todas essas correntes são marcadas por uma notória fragilidade estrutural. (BEZERRA, 2017, p.13).

É nesse contexto que surge uma das correntes psicológicas mais populares do mundo até os dias atuais, a psicanálise. Bakhtin, na obra *O freudismo: um esboço crítico*³⁸, caracteriza a teoria freudiana da psicanálise como uma das correntes ideológicas mais populares da Europa.

O sucesso da referida corrente, de acordo com Bakhtin (2017), foi ganhando proporções inéditas em todos os países da Europa e nos Estados Unidos. A psicanálise superou grandemente todas as correntes ideológicas de sua atualidade, isso se considerarmos a amplitude dessa influência nos círculos burgueses e intelectuais.

A caminhada relativamente curta, que levou a psicanálise à conquista da Europa, mostrou que essa corrente não se tratava de algo passageiro, fugaz e

³⁷ Cabe adiantar que, de acordo com Bezerra: “Bakhtin, usando uma forma sumamente didática de persuasão do leitor, irá desafiar essas posturas, assumindo uma posição transdisciplinar, com enfoque na Filosofia e Psicologia. Bakhtin discorda do biologismo, fisiologismo, subjetivismo, etc. Assim, ele vê o sujeito determinado inteiramente por fatores sócio-objetivos”. (BEZERRA, 2017, p.14).

³⁸ *O Freudismo: um esboço crítico* publicado em 1927 é um livro ímpar no conjunto de obras de Mikhail Bakhtin. O livro se distinguiu das outras obras de Bakhtin quer pelo objeto de enfoque, quer pela crítica às vezes radical da obra de Freud. Entretanto, no conjunto da discussão e da análise aflora o núcleo central, a própria medula do pensamento bakhtiniano, a saber: o método dialógico (BEZERRA, 2017).

superficial. Mas sim de uma expressão mais profunda de certos aspectos essenciais não só do sujeito, mas também da realidade burguesa europeia. Por isso, Bakhtin acredita que nenhuma pessoa que deseje compreender a Europa da sua época poderia ignorar a psicanálise, pois ela se tornou um traço demasiadamente característico daquela comunidade. (BAKHTIN, 2017).

A que se deve então o sucesso da psicanálise? E, o que nela atrai o burguês europeu?

Bakhtin argumenta que não é o aspecto psiquiátrico e especialmente científico dessa doutrina. Ele acredita que sempre se pode destacar um motivo central, uma dominante ideológica que determina o êxito de qualquer corrente. Assim, ele argumenta que “seria ingênuo pensar que todas essas massas de adeptos ardorosos da psicanálise chegaram a ela movidas pelo interesse em questões específicas da psiquiatria ou seguindo veículos especiais de divulgação dessa ciência.” (BAKHTIN, 2017, p. 05). Existe, portanto, o que ele chama de “o motivo ideológico do freudismo”.

Esse motivo, de acordo com Bakhtin, não tem “absolutamente nada de novo, inserindo-se plenamente na linha mestra de todas as aspirações ideológicas da filosofia burguesa.³⁹” Qual é o motivo central do freudismo? Passarei, então, a essa análise.

Em Freud, o destino do sujeito, todo o conteúdo da sua vida e criação, o conteúdo da sua arte quando ele é artista, das teorias científicas quando é cientista, de seus programas e ações políticas quando político são inteiramente condicionados pelos destinos do seu desejo sexual e só por eles. Tudo mais são apenas *sons harmônicos da melodia fundamental e poderosa das pulsões sexuais*. (BAKHTIN,

³⁹Destacamos aqui que Bakhtin não considera novo, tão somente, o *motivo ideológico* que o Freudismo carrega, pois ele destaca que: “existe realmente algo novo e original que chega ao paradoxal e impressionante todo aquele que faz seu primeiro contato com o freudismo. Nosso leitor provavelmente também experimentou essa impressão de novidade na medida em que foi acompanhando a exposição da psicanálise. Isto precisa ser entendido. Quando tomamos conhecimento da doutrina de Freud, o que primeiro salta à vista e permanece como a última e mais forte impressão de toda a sua teoria é, evidentemente, *a luta, o caos, e o infortúnio* da nossa vida psíquica, que atravessam como leitmotiv toda a concepção de Freud e que ele mesmo denomina de *dinâmica psíquica*. Nisto efetivamente reside a diferença essencial entre Freud e todas as outras correntes em psicologia. A vida psíquica na velha psicologia transcorria naquele estado de ‘sombra e água fresca’. Tudo arrumado, no seu lugar, nenhuma catástrofe, nenhuma crise. Do nascimento à morte era o caminho uniforme e o plano da evolução transcorria tranquilo e racional. A inocência da criança era substituída pela consciência da razão do homem adulto. Esse *otimismo* psicológico *ingênuo* é um traço característico de toda a psicologia anterior a Freud. Em alguns autores ele se manifestava com mais intensidade; em outros, penetrava de forma mais dissimulada todo o quadro da vida psíquica do homem.” (BAKHTIN, 2017, pp. 75-76).

2017). Na teoria freudiana não há uma só palavra sobre qualquer um dos fundamentos sociais do caráter, alicerçados na constituição física do sujeito, nem sobre as influências físicas e sócio-objetivas do ambiente. Todo o processo de formação do caráter do sujeito transcorre nos limites do psiquismo subjetivo tomado isoladamente. Desse modo, as zonas erógenas determinam, segundo Freud, o caráter e os atos deste sujeito. Bakhtin acrescenta que na teoria freudiana da psicanálise,

A essência do homem não é, de maneira nenhuma, aquilo que determina seu lugar e seu papel na história, a classe, a nação, a época histórica a que ele pertence; essencial é apenas o seu sexo e a sua idade. Tudo mais é apenas superestrutura erguida sobre esses elementos. A consciência do homem não é determinada pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico, cujo aspecto fundamental é a sexualidade. (BAKHTIN, 2017, p.06).

De acordo com Bakhtin, é esse o motivo ideológico do freudismo, isto é, o homem não existe em relação ao seu contexto histórico, mas só existe enquanto um ser biológico. Ademais, Bakhtin pontua que Freud conseguiu descobrir uma imensa riqueza, uma diversidade de elementos e matizes que até então haviam sido totalmente desprezados pela investigação científica. Esse fato ocorre devido à indiferença, por parte da ciência oficial, em relação a todas as questões associadas à vida sexual do sujeito. Em sua forma geral, o motivo ideológico do freudismo não é novo nem original, mas é nova e original a construção de seus componentes que se revelam nos conceitos de *sexo* e *idade*.

O que teria então causado a ascensão do motivo ideológico da teoria freudiana?

Para responder a essa pergunta, Bakhtin argumenta que quando essa ou aquela classe social está em estágio de desintegração e é forçada a abandonar a *arena da história*, sua ideologia começa a repetir-se obsessivamente e apresentar novas variantes para um mesmo tema. A ideologia de tais épocas transfere o *centro da gravidade* para o organismo biológico isolado. Destaca-se, de forma abstrata, o não-social, o não-histórico no sujeito, ao mesmo tempo em que o anuncia como medida e critério de todo o histórico-social.⁴⁰ Em outros termos, “é como se os homens dessas épocas desejassem fugir do clima da história.” Conforme Bakhtin,

⁴⁰A esse respeito, Bakhtin acrescenta: “Assim aconteceu na época da decadência dos estados gregos, da decadência do Império Romano, na época da desintegração do regime da nobreza feudal antes da grande revolução francesa. O motivo da *onipotência e da sabedoria da natureza* (e

O motivo ideológico central do freudismo não está nada só. Faz coro uníssono com todos os motivos principais da filosofia burguesa atual. Um medo singular perante a história, a aspiração de encontrar um mundo além de tudo o que é histórico-social, a procura desse mundo exatamente nas profundezas do orgânico. (...). O “sexual” em Freud é o polo extremo do biologismo em voga, reunindo e condensando numa imagem compacta e picante todos os momentos particulares do anti-historicismo. (BAKHTIN, 2017, p. 10-11).

Há, portanto, de acordo com Bakhtin, um excesso de biologismo na teoria psicanalítica freudiana que, a exemplo das teorias da linguagem, relegam o aspecto histórico-social do sujeito a segundo plano. Ademais, isso se traduz naquilo que Bakhtin denomina de motivo ideológico do freudismo. Mikhail Bakhtin nega a existência de um sujeito como algo *biologicamente abstrato*, e afirma que “o indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social.” (BEZERRA, 2017, p.14). Essa e outras questões, retomaremos em nosso próximo capítulo.

acima de tudo da natureza do homem e de seus desejos, dos seus desejos biológicos) e da *impotência da futilidade ociosa e inútil da história* ecoa igualmente para nós, ainda que com diferentes nuances e em diferentes tons emocionais, em fenômenos como o epicurismo, o estoicismo, a literatura da decadência romana (por exemplo, no *Satiricon*, de Petrônio) e a sabedoria cética dos aristocratas franceses dos séculos XVI-XVII. *O medo da história, a supervalorização dos bens da vida privada particular, o primado do biológico e do sexual no homem* – eis os traços gerais de todos esses fenômenos ideológicos. (grifos do autor) (BAKHTIN, 2017, p.07-08).

3. A RÉPLICA BAKHTINIANA AO ANTI-HISTORICISMO E ANTISSOCIALISMO DO SUJEITO

No capítulo que segue tenho como pretensão situar a crítica bakhtiniana à concepção de sujeito no pensamento filosófico linguístico do século XX e na concepção freudiana, a fim de mostrar que em uma concepção geral a categoria do sujeito não culmina em uma síntese dialética da sua realidade material.

Em relação ao pensamento filosófico linguístico do século XX, a crítica bakhtiniana gira em torno de duas correntes: o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*.⁴¹ No que concerne à crítica ao *subjetivismo idealista*, Bakhtin pontua que tal concepção toma a enunciação monológica como seu ponto de partida básico. Fato este que implica em uma supervalorização do psiquismo individual do sujeito em detrimento da linguagem. Ademais, a enunciação monológica caracteriza-se como algo desvinculado das condições materiais de existência.

Em relação à corrente do *objetivismo abstrato*, os teóricos que se enquadram nessa tendência, de um modo geral, reforçam a língua como um sistema estável, imutável, prezando assim pelo aspecto formal da linguística. Outrossim, esses pensadores fixam as leis linguísticas em um patamar específico, dissociado da realidade concreta.

Em refutação a esses pensadores, Bakhtin pontua que tais posicionamentos não consideram que o sistema da língua exprime-se, efetivamente, em coisas materiais, em signos. Mesmo enquanto sistema de formas normativas, a realidade da língua deve repousar na sua qualidade de norma social, entre sujeitos reais, histórico-sociais.

Já na concepção freudiana, os fundamentos da teoria psicanalítica encontram-se nos enunciados verbalizados do sujeito. É certo que todos esses enunciados se constroem no campo consciente do psiquismo subjetivo. No entanto, a crítica bakhtiniana aqui se deve ao fato de que Freud não toma os enunciados no seu aspecto objetivo, não procura as raízes fisiológicas, históricas e sociológicas do sujeito, mas, ao contrário, tenta encontrar no aspecto biológico os verdadeiros motivos do seu comportamento.

⁴¹ Correntes estas que já foram apresentadas no primeiro capítulo da tese.

Em Bakhtin, o centro organizador e formador do sujeito não se situa no seu interior e sim no exterior, ou seja, não é a atividade mental que organiza a expressão do sujeito, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação.

3.1 A visão crítica bakhtiniana acerca do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato

Bakhtin inicia sua crítica à corrente do *subjetivismo idealista* enfatizando que essa tendência, até certo ponto, tem razão quando afirma que a enunciação individual tem uma função criativa em relação ao sujeito. Entretanto, o *subjetivismo idealista* está errado quando ignora e é incapaz de compreender a natureza social da enunciação, em última instância, a natureza social do sujeito falante. Os teóricos dessa corrente aprofundam ainda mais sua postura errônea quando tentam deduzir essa natureza social a partir do mundo interior do falante, enquanto expressão desse mundo interior.

De acordo com Bakhtin,

A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir é de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução. (BAKHTIN, 2006, p.124).

Os representantes do *subjetivismo idealista* consideram que não se pode isolar uma forma linguística do seu conteúdo ideológico e nisso eles estão certos, pois, “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica.” (BAKHTIN, 2006, p.124). Mas, esses teóricos estão errados quando afirmam que esse conteúdo ideológico pode igualmente ser deduzido das condições do psiquismo individual do sujeito.

Essa tendência está completamente enganada quando toma a enunciação monológica do sujeito como seu ponto de partida básico. É verdade que alguns seguidores de Vossler começaram a abordar o problema do diálogo, o que os leva a uma compreensão mais justa daquilo que Bakhtin chama de *interação verbal*⁴². Posso citar como exemplo o livro de Leo Spitzer⁴³, *Italiano Coloquial*, onde

⁴²Conceito este que trataremos mais adiante.

se encontra uma tentativa de análise das formas de italiano utilizado na conversação em estreita ligação com as condições de utilização e com a situação social do interlocutor. A crítica bakhtiniana, nesse contexto, gira em torno do método de Leo Spitzer que, segundo Bakhtin, caracteriza-se como *psicológico-descritivo*. Assim, Bakhtin afirma que Spitzer não tira de sua análise nenhuma conclusão sociológica coerente, logo, a enunciação monológica permanece à base da sua realidade linguística, do mesmo modo que ocorre em todos os vosslerianos. (BAKHTIN, 2006).

A enunciação individual do sujeito não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito, se assim fosse, nem a soma desses atos individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (*as formas normativamente idênticas*) poderiam gerar um produto social. (BAKHTIN, 2006; 2011; 2003).

De acordo com Moura e Silva (2011, p. 21),

A linguagem, no subjetivismo idealista, se restringe a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro, nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. Isso é uma visão equivocada de linguagem como um todo, posto que fatores sociais, como também os interlocutores são partes constituintes e influenciadores da enunciação, seja esta escrita ou falada.

No que se refere à crítica bakhtiniana ao *objetivismo abstrato*, mostrei, no início da pesquisa, que Bakhtin coloca Saussure como o representante mais eminente dessa corrente. Assim, destaquei em primeiro lugar a tese fundamental de Saussure, “a língua se opõe à fala como o social ao individual.” (BAKHTIN, 2006, p.88). A fala é para Saussure absolutamente individual. De acordo com Bakhtin (2006), Saussure e seus herdeiros faziam da língua um objeto abstrato ideal, consagrando-a como um sistema sincrônico homogêneo, ou seja, rejeitando sua manifestação através da fala por considerar a fala como algo absolutamente individual.

Nisso consiste a grande incoerência na teoria de Saussure, que apesar de defender a língua como um fato social, rechaça a fala como se esses dois aspectos não estivessem intrinsecamente interligados e como se não fizessem parte de um mesmo sujeito.

⁴³Leo Spitzer (1887-1960) foi um austríaco, romanista, hispanista e crítico literário influente e prolífico. Spitzer era conhecido por sua ênfase na estilística. Terminou seu doutorado em 1910. Foi professor da Universidade de Marburg, em 1925, e da Universidade de Colônia, em 1930. Em 1933, foi demitido por causa de sua origem judaica e deixou a Alemanha nazista, mudando-se para Istambul. De lá, foi para a Universidade Johns Hopkins, em 1936.

Bakhtin, em relação ao sujeito, valoriza justamente a fala, isto é, a enunciação. Em confronto direto com a teoria de Saussure, afirma que a natureza da fala é social e não individual. A fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação do sujeito falante, já essas condições estão sempre ligadas às estruturas sociais da realidade. Para Bakhtin (2006), a fala que se expressa em palavras está diretamente ligada às condições materiais de existência do sujeito e não pode simplesmente ser colocada como algo acidental.

Em relação às teorias que prezam pelo lado fisiológico do sujeito, Bakhtin argumenta que se tomarmos qualquer som produzido pela língua como, por exemplo, o fonema /a/ na palavra *casa*, o som produzido pelo aparelho articulatório fisiológico do organismo individual é um som individual e único, próprio de cada sujeito falante (mais fino, mais grave, menos agudo, etc.). Independente de quantas pessoas pronunciarem a palavra *casa*, *serão* inúmeras as particularidades desta palavra (ainda que o ouvido não queira nem possa captar estas particularidades). O som fisiológico, ou seja, o som produzido pelo aparelho fisiológico individual, é, por fim, tão único quanto uma impressão digital de um sujeito.

No entanto, será que estas particularidades individuais do fonema /a/ são essenciais do ponto de vista da língua?

Certamente não, pois o que é essencial é a identidade normativa do som produzido pela palavra. Ademais, essa identidade normativa só faz sentido se estiver lançada no contexto histórico, real e social do sujeito. O som, em todas as instâncias em que a palavra *casa* é pronunciada, deve-se fazer entendido entre os sujeitos falantes reais. Bakhtin (2006) diz que é esta *identidade normativa* que constitui a unicidade do sistema fonético da língua, esse é o fato que gera a compreensão da palavra por todos os sujeitos de uma comunidade linguística.

Com base nos argumentos de Bakhtin, posso inferir que os discursos proferidos pelo sujeito refletem a instância da língua em sua integridade concreta (viva) e não a língua como objeto específico da linguística; como um conjunto de regras; como uma abstração. A língua legitima-se pelos aspectos da vida concreta do discurso do sujeito que profere a fala. As questões discursivas não se restringem ao âmbito meramente linguístico do enunciado, mas também ao contexto enunciativo de realização.

Para Bakhtin (2006), os representantes do *objetivismo abstrato*, de modo geral, reforçam a língua como um sistema estável, imutável e prezam pelo aspecto

formal da linguística. Ademais, esses pensadores colocam as leis linguísticas em um patamar específico, dissociado da realidade concreta⁴⁴ e do sujeito histórico-social. O pensador, questionando os representantes da segunda orientação, pergunta-se em que medida um sistema de normas imutáveis entra em conformidade com a realidade concreta na qual o sujeito está inserido?

A esse respeito ele responde que nenhum dos representantes do *objetivismo abstrato* confere ao sistema linguístico um caráter de realidade material. Esses posicionamentos, que formam o *objetivismo abstrato*, não consideram que o sistema da língua exprime-se, efetivamente, em coisas materiais, em signos e mesmo enquanto sistema de formas normativas, sua realidade deve repousar na sua qualidade de norma social e entre sujeitos reais, histórico-sociais. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Os representantes do *objetivismo abstrato*, em contraposição ao *subjetivismo idealista*, acentuam constantemente que o sistema linguístico constitui um *fato objetivo externo à consciência*. Isto é, o sistema linguístico constitui-se como algo independente da consciência do sujeito. Neste sentido, a linguagem não pode ser regida pela consciência. Bakhtin afirma que existe nesse ponto uma contradição implícita, isso acontece devido ao fato de que: por um lado, a língua enquanto um sistema de normas rígidas e imutáveis só poderia ser pensada do ponto de vista da consciência individual e, por outro lado, esse tipo de posicionamento só seria possível se o sujeito não fizesse parte de um todo histórico-social. Neste sentido, Bakhtin afirma que:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para certo indivíduo, num dado momento do tempo (...). Para o observador que enfoca a língua de cima, o lapso de tempo em cujos limites é possível construir um sistema sincrônico não passa de uma ficção. (BAKHTIN, 2006, p.91-92).

⁴⁴Considerar aqui as quatro proposições essenciais da segunda orientação: 1ª - A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas; 2ª - As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado; 3ª - As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos, nenhum motor ideológico; 4ª - Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua; simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas.

Portanto, posso deduzir que de um ponto de vista objetivo o sistema sincrônico não corresponde a nenhum momento efetivo do processo de evolução da língua. A língua como algo exclusivamente sincrônico, isto é, imóvel e imutável, não existe para o sujeito histórico-social. Objetivamente, esse sistema não existe em nenhum verdadeiro momento da história. Então porque o objetivismo abstrato defende essa posição? Para responder essa questão, Bakhtin cita o seguinte exemplo:

Podemos admitir que no momento em que César escrevia suas obras, a língua latina constituía para ele um sistema imutável e incontestável de normas fixas; entretanto, para o historiador da língua latina, naquele mesmo momento em que César escrevia, produzia-se um processo contínuo de transformação linguística – mesmo se o historiador não for capaz de registrar essas transformações. (BAKHTIN, 2006, p.92).

Todas as formas da língua são indispensáveis umas às outras, completam-se mutuamente e fazem da língua um sistema estruturado. Ela é o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e como toda instituição social, possui um viés de normatividade para cada indivíduo. (BAKHTIN, 2006; 2003).

Bakhtin questiona-se ainda sobre qual o ponto de vista do sujeito locutor nesse contexto? E responde que, na realidade o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para o locutor, de utilizar as formas normativas em um dado contexto concreto. Neste sentido, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

O que importa para o locutor não é o aspecto da forma linguística que permanece sempre igual, imutável, estável. Mas sim aquilo que permite que a forma linguística figure em um dado contexto. A forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Enquanto produto de um sujeito ligado à realidade⁴⁵. (BAKHTIN, 2006; 2011).

⁴⁵Geraldi (2010) acrescenta que é preciso assumir o papel de sujeito discursivo, ou seja, constituir-se como locutor, o que implica necessariamente uma relação com a alteridade, com o outro. Uma relação com o outro não se constrói sem nossa participação, sem nossa presença, sem que ambos saiam modificados desta relação.

A forma linguística se apresenta ao sujeito no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras. Somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à nossa vida. (BAKHTIN, 2006; 2011).

A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico. Para se separar abstratamente a língua de seu conteúdo ideológico ou vivencial é preciso elaborar procedimentos particulares não condicionados pelas motivações da consciência do locutor. Se, à maneira de alguns representantes da segunda orientação, fizermos dessa separação abstrata um princípio, se concedermos um estatuto: separando a forma linguística vazia da sua ideologia, só encontraremos sinais e não mais signos da linguagem. Bakhtin (2006) afirma que a separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do *objetivismo abstrato*.

De acordo com Bakhtin, o problema relacionado no parágrafo anterior é um problema que está presente também na Filologia. Assim, o filólogo-linguista acaba por desvincular a linguística da esfera real, do sujeito histórico-social e só a apreende como um todo isolado que basta a si mesmo; não lhe aplica uma compreensão ideológica ativa. (BAKHTIN, 2006; 2011)⁴⁶.

3.2 Refutações à concepção de sujeito no freudismo

Como mostrei, Bakhtin pontua que por trás da concepção freudiana da psicanálise, existe um motivo ideológico que fomentou seu sucesso⁴⁷. Ademais, mostrei que a crítica bakhtiniana a Freud estende-se ao fato de que Freud teria

⁴⁶Nos últimos parágrafos dessa subseção, mostrei, portanto, de forma inicial, como a ideologia, a partir da teoria bakhtiniana, insere-se na relação entre sujeito e linguagem. Logicamente, com o desenvolvimento desta pesquisa, retornaremos a essa questão de forma mais explícita.

⁴⁷“A partir das observações, o leitor já deve ter percebido que o aspecto psicológico e especificamente científico do freudismo nada tem de neutro em relação à sua posição de classe, que se manifesta com tanta nitidez em seu motivo filosófico central.” Ademais: “Achamos que essa neutralidade de uma ciência particular é inteiramente fictícia: é impossível tanto por considerações lógicas quanto sociológicas.” (BAKHTIN, 2017, p.21).

cometido um excesso de reducionismo biológico e não levou em consideração os aspectos histórico-sociais do sujeito.

É a partir da perspectiva histórico-social que Bakhtin aprofunda suas críticas ao freudismo. De acordo com Bezerra,

Sua crítica ao freudismo é às vezes dura, mas nunca foge ao respeito epistêmico que a doutrina merece. Se mostra, além do reducionismo biológico, um anti-historicismo na psicanálise e questiona-se o complexo de Édipo pelo fato deste partir do passado para explicar o presente. (BEZERRA, 2017, p.15).

Para Bakhtin, toda a teoria psicológica de Freud se funda nos enunciados verbalizados do sujeito, sendo apenas a sua interpretação específica. Todos esses enunciados se constroem, evidentemente, no campo consciente do psiquismo. É verdade que Freud não dá crédito aos motivos superficiais da consciência, mas tenta penetrar nas camadas mais profundas do psiquismo. Ainda assim, ele não toma os enunciados no seu aspecto objetivo, não procura as raízes fisiológicas, históricas e sociológicas do sujeito, mas tenta encontrar no próprio sujeito os verdadeiros motivos do seu comportamento.⁴⁸ Isto é, o próprio paciente deve lhe comunicar a respeito das profundezas do seu inconsciente. (BAKHTIN, 2017)⁴⁹.

As críticas contra Freud podem ser sintetizadas a partir das seguintes premissas:

1. Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem o enunciou: porque é produto da *interação entre sujeitos falantes* e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu;

⁴⁸Bakhtin enfatiza que: “a essa ignorância da sociologia se junta outra falha radical de Freud: o *subjetivismo do seu método*, se bem que um tanto mascarado (e por isso foi possível a discussão em torno dessa questão). Freud não sustenta até o fim o ponto de vista da experiência externa e enfoca os conflitos do comportamento humano de dentro, isto é, do ponto de vista da introspecção (mas repetimos de forma mascarada). Assim, a interpretação dos fatos e fenômenos por ele observados é inaceitável na própria raiz.” (BAKHTIN, 2017 p.20).

⁴⁹A esse respeito Bakhtin, ao analisar a prática psicanalítica, mostra que as sessões de psicanálise são uma luta entre paciente e médico, na qual o paciente procura esconder do médico algumas experiências emocionais, acontecimentos da sua vida e lhe impor seu ponto de vista sobre as causas de tais experiências e de sua doença. Isso é muito característico do processo dialógico (...). A voz do paciente é a voz que reage ao discurso do outro, tenta antecipar-lhe as definições, manter o seu ponto de vista sobre si mesmo; nesse diálogo cruzam-se duas consciências, dois pontos de vista, duas avaliações. O médico também é uma instância do diálogo que procura não só antecipar-se à replica do outro, mas impor o seu ponto de vista de forma mais taxativa. O médico procura preservar sua autoridade de médico, visa conseguir revelações do paciente, empenha-se em fazê-lo aceitar o ponto de vista sobre a doença e seus sintomas. (BAKHTIN, 2017).

2. Todo produto da linguagem do sujeito, da simples enunciação vital a uma complexa obra literária, em todos os momentos essenciais é condicionado não pela vivência subjetiva do falante, como quer Freud, mas pela situação social em que soa essa enunciação. (BAKHTIN, 2017).
3. A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006).

Bakhtin alia à crítica do reducionismo freudiano a tese marxista da origem social do psiquismo. Nessa perspectiva, ele vê o psiquismo fundado sobre formações socioeconômicas complexas e, ao mesmo tempo; compreende que o psiquismo necessita de material ideológico específico.

De acordo com Bezerra (2017, p.15), “ao criticar os resvalos reducionistas em Freud, ou em seus epígonos russos, Bakhtin irá enfatizar sempre o lado ideológico de tudo”. Bezerra vai acrescentar ainda que o método dialógico, ou o diálogo verbalizado do sujeito, é o que faz a discussão acerca de um objeto específico sair da especificidade fechada para interagir com um universo muito mais amplo de vozes⁵⁰, valores e conceitos. É isso que permite que Bakhtin desloque o conceito freudiano de inconsciente do enfoque meramente psicanalítico para uma abordagem mais ampla da linguagem. Essa abordagem mais ampla alcança outras formas de discurso e ganha uma roupagem de consciência plural.

Efetivamente, não existe o sujeito exclusivamente biológico. Ou seja, o sujeito não existe fora da sociedade, conseqüentemente fora das condições socioeconômicas objetivas. A teoria freudiana está diretamente contraposta à concepção de sujeito defendida por Mikhail Bakhtin. De acordo com Bakhtin:

O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte de um todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro, camponês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês, e por último, nasce em 1800 ou 1900. Só

⁵⁰Essas múltiplas vozes do discurso são tratadas de maneira mais aprofundada a partir do conceito bakhtiniano de *polifonia*. Conceito este que trabalharemos, de forma mais detalhada, no decorrer da pesquisa.

essa localização social e histórica do homem o toma real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. (BAKHTIN, 2017, p.11).

Todas as tentativas de evitar esse segundo nascimento (o nascimento social) e deduzir o sujeito a partir das premissas biológicas estão condenadas ao fracasso. Nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, etc.) pode ser explicada e entendida sem que se incorporem as condições socioeconômicas nas quais o sujeito está inserido. Além do mais, nem as questões específicas da biologia encontrarão solução definitiva, sem que se leve plenamente em conta o espaço social do organismo humano em estudo. (BAKHTIN, 2017).

De acordo com Bakhtin, o que se observa em Freud é um sujeito reduzido a um caráter abstrato, desprovido de seu contexto histórico-social e animalizado em seus instintos. Como vimos, o pensador condena ainda o motivo ideológico por trás do freudismo. Neste sentido, ele afirma que Freud veste com uma roupagem nova uma abordagem teórica e metodológica velha, sendo que esse comportamento é algo próprio da classe dominante em decadência.

Freud parece estar envolvido em uma teoria com pretensões de universalidade. Bakhtin defende que a tese de uma determinada neutralidade científica também é impossível em termos sociológicos. O interesse de classe e a ideia preconcebida são uma categoria objetivamente sociológica, que nem de longe é sempre conscientizada pelo psiquismo individual do sujeito.

É justamente nesse interesse de classe que reside toda a teoria, todo o pensamento. Se o pensamento é forte, seguro e significativo, tudo indica que será capaz de tocar certos aspectos essenciais da vida de um determinado grupo social. Será capaz de ligar-se à oposição central desse grupo na luta de classes, ainda que o faça de modo inteiramente inconsciente para o seu criador.

A força da realidade, da importância das ideias, é diretamente proporcional ao seu interesse de classe, à possibilidade de sua fecundação está condicionada aos aspectos econômicos sociais de um grupo. Bakhtin acrescenta que devemos lembrar que as respostas verbalizadas são uma formação genuinamente social. Todos os outros elementos constantes dessas respostas são elementos de uma consciência precisamente de classe e não de uma consciência individual. (BAKHTIN, 2008; 2017).

Um dos problemas centrais que se observa na teoria freudiana não é que ele trabalhe um sujeito biológico, mas o fato dele trabalhar essa categoria despreendida do aspecto social, isolado, como qualquer outro animal. Sendo que essa postura, em Freud, acaba por desvelar um interesse de classe.

3.3 O psiquismo e o signo interior na formação do sujeito

Para Bakhtin, a Biologia e a Fisiologia não oferecem condições de resolver o problema da consciência no sujeito. Isso porque ele acredita que a consciência constitui um fato socioideológico, não acessível a métodos empregados pela fisiologia ou pelas ciências naturais. Tal como ocorre nessas ciências, ele acredita que é impossível reduzir o funcionamento da consciência a alguns processos que se desenvolvem no interior do campo fechado de um organismo vivo. Assim, os processos que no essencial determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe desses processos.

O psiquismo subjetivo do sujeito não constitui um objeto de análise para as ciências naturais, pois não se trata de uma *coisa* ou de um processo natural. O psiquismo subjetivo é o objeto de uma análise ideológica, de onde se depreende uma interpretação socioideológica. O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais que determinam a vida concreta de um dado indivíduo. (BAKHTIN, 2006, 2017).

Que tipo de realidade pertence ao psiquismo subjetivo do sujeito, então?

Bakhtin é enfático ao afirmar que a realidade do psiquismo interior do sujeito é a do signo. Sem material semiótico não se pode falar em psiquismo. Pode-se falar somente em processos fisiológicos ou em processos do sistema nervoso. Em relação à realidade exterior ao organismo, essa pode até caracterizar-se como um campo onde o psiquismo reage, mas essa reação ocorre sempre por mediação do signo, de uma maneira ou de outra. Segundo Bakhtin,

Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, na fronteira dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: o organismo e o mundo encontram-se no signo. A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque o psiquismo interior não

deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado senão como um signo. (BAKHTIN, 2006, p.48)⁵¹.

Quero agora chamar a atenção para o seguinte: se eu considerar que só o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, se eu rejeitar a enunciação, o ato de fala por se tratar de algo individual (como defende a postura do *objetivo abstrato*); ou ainda, se eu considerar a fala como algo individual e por isso ter de explicá-la a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito (como defende o *subjetivismo idealista*), será que não recairíamos sobre a negação completa da função social da fala?

Bakhtin acredita que, por um lado, o ato de fala ou mais exatamente seu produto (a enunciação) não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo. Por outro lado, ele não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. Portanto, ele defende que a enunciação é de natureza social e acrescenta que:

A orientação do falante para o ouvinte é uma orientação direcionada a um horizonte conceitual específico, direcionado ao específico mundo do ouvinte; ela, a orientação, introduz elementos completamente novos ao seu discurso, discurso do falante; é desse modo, afinal, que vários pontos de vista diferentes, horizontes conceituais, sistemas para sotaques expressivos, várias "línguas" sociais interagem uns com os outros. (BAKHTIN, 1981, p. 282).

O objeto de discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. (BAKHTIN, 2011, p.299-300).

A *teoria da expressão*⁵², que serve de fundamento para a primeira orientação do pensamento filosófico linguístico, é radicalmente falsa.⁵³ O conteúdo a

⁵¹ Podemos compreender que o signo, então, funciona como uma célula mediadora entre o psiquismo subjetivo e a realidade exterior.

⁵² Poetas, pintores, romancistas e músicos começaram a utilizar a arte como forma de expressão das suas experiências individuais. Em vez de mostrarem a natureza, procuravam através das suas obras exprimirem os seus sentimentos e o seu universo interior. A arte tornou-se um veículo para exprimir emoções. Há diferentes versões da teoria da arte como expressão. Uma das mais discutidas é a do romancista russo Leão Tolstói (1828-1910). Segundo a teoria expressivista defendida pelo escritor russo L. Tolstói, as obras de arte são a expressão e a comunicação intencional de um sentimento vivido pelo artista para provocar o mesmo sentimento no público receptor, ou seja, não há arte quando o espectador não sente qualquer emoção ou quando a que sente não é idêntica a do artista.

⁵³ Neste sentido, Bakhtin acrescenta ainda que Karl Vossler coloca em primeiro plano a chamada função expressiva da linguagem, assim, sua essência se resume à expressão do mundo individual

expressão e sua objetivação externa são criados, como vimos, a partir de um único e mesmo material, o signo. Ademais, não existe atividade mental sem expressão semiótica. O centro organizador e formador do sujeito não se situa no interior, mas no exterior, não é a atividade mental que organiza a expressão do sujeito, mas é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação. Bakhtin reforça que “qualquer que seja o aspecto da expressão será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata.” (BAKHTIN, 2006, p.114). O pensador acrescenta que:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. (BAKHTIN, 2006, p.123).

A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua, sendo o diálogo uma das mais importantes formas de interação. Bakhtin (1999) identifica no domínio da linguagem a ausência de um estudo mais apurado dos problemas ideológicos, que não torne a consciência do sujeito um objeto autônomo tal como fazem a filosofia idealista e o psicologismo.

Com efeito, a enunciação é o resultado da interação de ao menos dois sujeitos socialmente organizados e mesmo que não haja um interlocutor real, o discurso interior é socialmente intencional. A palavra dirige-se a um interlocutor, ela é em função da pessoa desse interlocutor. Variará ao tratar de uma pessoa do mesmo grupo social, se for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver conectada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, companheiro, etc.)⁵⁴.

do sujeito falante. A língua é deduzida da necessidade do sujeito expressar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, reduz-se à criação individual do sujeito. Neste viés, a linguagem é considerada do ponto de vista do falante como algo sem relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva. Se Vossler levava em consideração o papel do outro, era apenas como papel do ouvinte que apenas compreende passivamente o sujeito que profere um ato de fala. (BAKHTIN, 2016).

⁵⁴Cabe acrescentar aqui que, para Bakhtin, é através da classe que o indivíduo se define, pois ele nasce “fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário”, logo é um indivíduo histórico e socialmente definido. A localização histórica e social determina, ao indivíduo, o conteúdo da criação da vida e da cultura. (BEZERRA, 2017, p.14).

Não pode haver um sujeito interlocutor *abstrato, neutro*, desvinculado do real social. Não haveria linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no sentido figurado. Se algumas vezes tenho a pretensão de pensar e de exprimir-me na realidade, para os outros, necessito ver as pessoas através do prisma do meio social concreto que me engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, certo horizonte social definido e estabelecido, ou seja, é preciso supor aquilo que determina a criação ideológica do grupo social e da época a qual eu pertencço ou a qual o meu interlocutor pertence. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade toda palavra comporta duas faces: ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, quanto pelo fato de que se dirige para alguém. Portanto, caracteriza-se como uma instância que constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro e em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim em uma extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor⁵⁵.

Certamente que as questões relativas à ideologia e à palavra, abordadas aqui de forma sintética e em relação a outros conceitos, constituem-se como algo extremamente importante para a teoria bakhtiniana. Devido a isso, retornarei a essas questões de uma forma mais detalhada no decorrer da pesquisa. Por hora, como meio de buscar compreender a formação do sujeito histórico-social no pensamento bakhtiniano, faz-se necessário uma abordagem dessa formação em relação a outros conceitos próprios de sua teoria.

⁵⁵ O outro em Bakhtin é outro de mim. Ele reflete, em última instância, a minha sociabilidade. Neste sentido, nossas palavras, por exemplo, só fazem sentido porque são proferidas em função do outro, logo elas não são completamente nossas. Eu preciso do outro, pois cada sujeito se encontra na fronteira do mundo que vê e o outro dá essa completude do meu eu.

4. ESTUDO DA LINGUAGEM E DO SUJEITO A PARTIR DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS

Como já mostrei, na introdução desta pesquisa, os dados relativos à questão do sujeito em Mikhail Bakhtin não estão reunidos em um texto único, mas encontram-se disseminados ao longo de toda a sua teoria. Em obras como *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008); *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999); e *Os gêneros do discurso* (2016), Bakhtin trabalha a categoria do sujeito de forma mais restrita e sempre em função de outros conceitos próprios de sua teoria, a saber: polifonia, dialogismo e gêneros discursivos. Neste sentido, julgo necessário e essencial a compreensão da categoria do sujeito em relação a essas concepções.

Polifonia é um conceito que Bakhtin desenvolve na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008) e caracteriza-se, resumidamente, como a multiplicidade de vozes instauradas em um discurso. Esse jogo de vozes traduz-se como uma forma especial de interação entre sujeitos, que revela uma tensão dialética do discurso e mostra o seu lado social.

Na teoria bakhtiniana, polifonia possui uma estreita relação com o conceito de dialogismo, fato este que faz com que alguns comentadores não estabeleçam uma diferenciação entre ambos. Entretanto, nos textos de Bakhtin, a polifonia está ligada diretamente aos escritos de Dostoiévski e com os textos escritos de uma forma geral. Já o dialogismo quase sempre é empregado nas relações dialógicas orais, está presente em todas as obras de Bakhtin, opõe-se ao monologismo, relaciona-se com o discurso interior, enfim, possui um alcance bem maior.

Em Bakhtin, esses dois conceitos configuram-se como algo fundamental para a compreensão da dinâmica que está inerente ao processo de comunicação entre os sujeitos. Isso significa que essas instâncias não compreendem o discurso sob o aspecto da fala individual, mas no âmbito da sua instância significativa, do entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos histórico-sociais.

Ao conceber a linguagem como um processo dialógico, o discurso se manifesta por meio de determinados campos discursivos. Bakhtin denomina esses campos discursivos de *gêneros do discurso*. O pensador define três elementos que

configuram o gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Esses três elementos estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente condicionados pelas especificidades de um campo da comunicação particular. No que se refere à relação entre gêneros discursivos e a categoria do sujeito, Bakhtin vai argumentar que o sujeito fala e se expressa por meio de gêneros de discurso, que se realizam no interior de uma determinada esfera da atividade do homem.

4.1 Polifonia: o sujeito e as múltiplas vozes

Para entender o conceito de polifonia, é preciso compreender que seu aparecimento não está ligado a uma conformidade de visões. No entanto, apesar de não haver uma unanimidade entre os estudiosos da linguagem acerca da sua origem, não há dúvidas quanto as suas raízes populares relacionadas a algo incremental ao canto gregoriano. Os primeiros documentos a abordarem esse termo surgiram no século IX e retratavam uma segunda voz acrescentada ao canto monódico. Foi a partir da Escola de Notre Dame de Paris que se desenvolveram as variadas formas de músicas polifônicas (WISNIK, 1989).

Em entrevista a Vitkor Duvakin, Bakhtin afirma que se dedicou, desde muito cedo, à leitura de livros filosóficos. Apaixonado por filosofia e literatura, conhecia Dostoiévski já com 11 ou 12 anos de idade (BAKHTIN; DUVAKIN, 2008). Bakhtin aborda e desenvolve o conceito de polifonia a partir da obra Problemas da Poética de Dostoiévski (2008). Ele inicia afirmando que a principal característica de um romance é sua plurivocalidade. Neste sentido, Bakhtin se sente surpreendido com os escritos de Dostoiévski, pois, ao examinar sua obra, observa que seu discurso vai além dessa característica. Existe, portanto, algo além da plurivocalidade em Dostoiévski. Bakhtin argumenta que as vozes do discurso dos personagens apresentam uma independência fascinante na estrutura das obras, como se soassem ao lado da palavra do autor. Vejamos:

Dostoiévski não escreveu romances de ideias, romances filosóficos, mas romances sobre ideia. Não criava as suas ideias do mesmo modo que as criam os filósofos ou cientistas: ele criava imagens vivas das ideias auscultadas, às vezes adivinhadas por ele na própria realidade. (BAKHTIN, 2008, p.100).

Jamais devemos esquecer isso, nunca devemos confundir – como foi e está sendo feito até agora – o mundo representado com o mundo fora do texto (realismo nato); nem devemos confundir o autor criador de uma obra com o autor como um ser humano (biografia ingênua) [...] Todas essas confusões são metodologicamente inadmissíveis.⁵⁶ (BAKHTIN, 1981, p.253).

O que chama a atenção de Bakhtin em Dostoiévski é que as ideias postas em suas obras nunca são gerais, autônomas ou abstratas. Não são ideias de outro, nem jogadas ao acaso, muito menos ideias simplesmente do autor, postas na boca de seus personagens. Mas, ao contrário, em Dostoiévski as ideias estão diretamente relacionadas com seus caracteres, isto é, não se trata de personagens que se reduzem a alegorias de ideias, mas de personagens cujos conflitos e vivências relacionam-se com as visões de mundo.

Várias obras de Dostoiévski revelam esse compromisso pessoal com a ideia, dentre as quais, de acordo com Bakhtin (2008), podem-se destacar: *Crime e Castigo*, (mais especificamente no comportamento do personagem Raskólnikov⁵⁷); *Os Irmãos Karamazov*, *O idiota*, etc. De acordo com Bakhtin,

Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante. A consciência do herói é dada como a outra, a consciência do outro, ao mesmo tempo não se objetifica, não se fecha, não se torna mero objeto da consciência do autor. (BAKHTIN, 2008, p.05).

Em Dostoiévski, todas as qualidades objetivas estáveis da personagem, a sua posição social, a tipicidade sociológica e caracterológica, o habitus, o perfil espiritual e inclusive sua aparência externa, ou seja, tudo de que se serve o autor para criar uma imagem rígida e estável da personagem, o "quem é ele" - tornam-se objeto de reflexão da própria personagem e objeto de sua autoconsciência; a própria função desta autoconsciência é que constitui o objeto de visão e representação do autor. (BAKHTIN, 2008, p. 53).

O que importa trazer aqui é que os personagens de Dostoiévski caracterizam-se por uma multiplicidade de consciências que não se subordinam à consciência do autor. Esse procedimento artístico especial de construção dos escritos de Dostoiévski, a inconclusibilidade temática, a independência e a

⁵⁶We must never forget this, we must never confuse – as has been done up to now and is still often done – the represented world with the world outside the text (native realism); nor must we confuse the author-creator of a work with the author as a human being (naive biographism) [...] All such confusions are methodologically impermissible (BAKHTIN, 1981, p. 253).

⁵⁷Esse compromisso, entre outros fatores, leva-o a assassinar a velha usurária, mas também o leva a confessar o crime, quando já não havia qualquer possibilidade de ser desmascarado.

imiscibilidade vão dar início ao conceito de polifonia ressignificado por Bakhtin. Assim, nas palavras do autor:

Não se exige do autor do romance polifônico uma renúncia a si mesmo ou à sua consciência, mas uma ampliação incomum, o aprofundamento e a reconstrução dessa consciência [...] para que ela possa abranger as consciências plenivalentes dos outros. (BAKHTIN, 2008, p. 78).

Para Brait (2006), Bakhtin não tinha um conceito legitimado e pronto daquilo que seria polifonia para testar nos escritos de Dostoiévski. Neste sentido, é somente a partir dos textos de Dostoiévski que o conceito é formulado.

Bakhtin acredita que o discurso nunca é unívoco, está sempre distribuído entre vozes, incluindo a imagem do autor. Ele defende que toda voz autenticamente criadora só pode ser uma segunda voz dentro do discurso na medida em que o escritor é alguém capaz de trabalhar a língua situando-se fora dela, alguém que possui o dom da fala indireta⁵⁸.

De acordo com Bakhtin (2008), Polifonia é a multiplicidade de vozes instauradas em um discurso. Assim, as ideias, os pensamentos e as palavras configuram-se como um conjunto que se instaura por meio das múltiplas vozes, ecoando cada uma a sua maneira. É a variação de um tema a partir das diferentes vozes. Para Bakhtin é interessante notar as condições concretas que o conceito de polifonia traz para o texto. Neste sentido, o conceito reflete o sujeito histórico-social que fala a partir do texto, que, por sua vez, evidencia uma prática, uma vivência.

Brait (2011) acrescenta que esse jogo das vozes do conceito bakhtiniano de polifonia caracteriza-se como uma forma especial de interação que, no fim das contas, revela uma tensão dialética do discurso e mostra o lado social do sujeito.

Polifonia é o que distingue, por exemplo, o diálogo de Dostoiévski do diálogo de Platão, isto é, mesmo que o diálogo platônico não seja inteiramente monologado, nele a multiplicidade de vozes se apaga na ideia. Platão não concebe a ideia como acontecimento, mas como ser. Todas as relações de reciprocidade entre os indivíduos cognoscentes, geradas pelos diferentes graus de comunhão na ideia, acabam se extinguindo na plenitude da própria ideia.

⁵⁸ Todorov (2011), nessa perspectiva, acrescenta que o autor não tem nenhuma vantagem sobre o herói, não há nenhum excedente semântico que o distinga do herói e as duas consciências têm direitos perfeitamente iguais. As ideias de Dostoiévski, pensador, entrando em seu romance polifônico, entabulam um grande diálogo com as outras imagens de ideias, em um pé de perfeita igualdade.

Na teoria bakhtiniana, a polifonia possui uma estreita relação com o dialogismo, fato este que faz com que alguns comentadores deste autor não estabeleçam uma diferenciação entre ambos os conceitos. Se os entendermos em uma definição sintética, enquanto processo de diferentes vozes instauradas em um discurso, esses conceitos remetem a uma relação sinonímia. No entanto, a polifonia é um conceito anterior à teoria bakhtiniana, é um termo que assume em Bakhtin uma ligação direta com os escritos de Dostoiévski e com os textos escritos de uma forma geral. Já o dialogismo, como demonstrarei mais explicitamente na próxima subseção, quase sempre é empregado nas relações dialógicas orais, está presente em todas as obras de Bakhtin, opondo-se ao monologismo, relacionando-se com o discurso interior, enfim possui um alcance bem maior.

No sentido da distinção enfatizada no parágrafo anterior, Barbosa acrescenta que “Bakhtin dá o nome de polifonia à realização literária do dialogismo. Para designar um procedimento que julga inédito é que detecta na construção dos romances de Dostoievski, Bakhtin toma emprestado da música o termo de sentido metafórico.” (BARBOSA, 2001, p.57).

De acordo com Maciel (2016), nas apropriações que se tem feito dos textos de comentários acerca da obra de Bakhtin, é bastante frequente o uso do termo dialogismo, comumente conceituado como uma relação entre diferentes textos. Entretanto, o que se percebe na leitura original bakhtiniana é que o dialogismo não é apenas a referência de um texto a outro, mas as relações dialógicas que se dão entre as vozes de um discurso, estejam essas vozes nos diálogos face a face do cotidiano ou nos amplos diálogos que se estabelecem por meio de sujeitos que as enunciam em um determinado contexto histórico.

4.2 Dialogismo: da crítica ao monologismo ao processo de interação entre os sujeitos

As raízes daquilo que denomino de *diálogo*, em uma concepção geral, surgem ainda nos tempos da Grécia Antiga. Como exemplo disso, posso citar os diálogos socráticos, aos quais temos acesso principalmente por meio dos textos de Platão. O diálogo na concepção socrática caracteriza-se enquanto um método didático, que busca despertar no outro a autoconsciência de sua ignorância, a fim de viabilizar um conhecimento mais indubitável acerca dos mais variados temas.

Uma educação dialógica, ao longo dos anos, foi sendo sistematizada com primazia por meio de um maior reconhecimento para com aquelas posturas que trazem o conceito de diálogo enquanto uma atitude verbalizada oralmente. Para Svetsitskaya (2020), o diálogo é a personificação do desejo espiritual de um determinado ser, sua formalização, é a maneira como o sujeito dá identidade a uma expressão autoral.

Em Mikhail Bakhtin, o diálogo assume uma perspectiva mais abrangente, não é compreendido somente em seu sentido formal tradicional, isto é, não está resumido a uma relação face a face. Mas é visto como um conceito que assume uma dimensão mais ampla, um fenômeno que se dá entre sujeitos, entre textos, entre discursos, entre autores, entre disciplinas, entre culturas, entre épocas, etc. Para Faraco (2011), devemos entender o diálogo na perspectiva bakhtiniana como o encontro em todas as instâncias da linguagem⁵⁹.

Lipman (1994) defende uma compreensão daquilo que ele chama de diálogo face a face, que se aproxima do pensamento bakhtiniano. Assim, ele argumenta que:

Num diálogo, o raciocínio superficial é atacado e criticado; não se permite que passe sem ser questionado. Os participantes da discussão desenvolvem atitudes críticas em relação ao que as outras pessoas dizem. Mas essas atitudes críticas voltam a fazer parte da nossa própria reflexão. (LIPMAN, 1994, p. 45).

De acordo com Bakhtin (2011, p.383), “[...] no diálogo as vozes (parte das vozes) se soltam, soltam-se as entonações (pessoais e emocionais) das palavras e réplicas vivas, extirpam-se os conceitos dos juízos abstratos”. O pensador complementa ainda que o diálogo, propriamente dito, é apenas um dos elementos que compõe o dialogismo, assim é concebido como a manifestação externa mais evidente, mais simples e superficial de um fenômeno mais complexo. (BAKHTIN, 2008).

O dialogismo constitui-se como um conceito que permeia muitas obras de Mikhail Bakhtin. Em síntese, posso compreendê-lo como um princípio constitutivo da

⁵⁹Olson, Seikkula e Ziedonis (et al. 2014) defende ainda que a abordagem do diálogo em seu sentido aberto (direto) possui dois elementos que se constituem como sua base. Em primeiro lugar é um sistema de tratamento integrado, de base comunitária, no qual o envolvimento da família e da rede social do sujeito é fundamental, desde o primeiro contato da solicitação de ajuda; segundo é uma prática dialógica, uma forma distinta de conversação terapêutica, o outro, através do diálogo, fornece-nos algo que ainda não temos e que nos conforta.

linguagem; é a condição primária do sentido do discurso. De acordo com Barros e Fiorin (2011), posso entender o dialogismo como um termo que compreende o universo composto não por sujeitos divididos entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc, mas como um universo composto de signos. Desde o mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os mais complexos, como a obra de Marx cujos valores e significados não são dados estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis. (BARROS; FIORIN, 2011).

No pensamento Bakhtiniano, a primeira coisa que temos que entender em relação ao dialogismo é sua oposição ao conceito de monologismo. No dialogismo, os sujeitos receptores não são isolados, ou fechados em si mesmos, porquanto se relacionam com o contexto cultural, dispersos em códigos sociais, literários, etc. (SVENTSITSKAYA, 2020). Bakhtin (2006) pontua que a Filologia de seu tempo se caracterizava como uma grande defensora da concepção monológica, fato esse que acabava por conformar um problema para a teoria linguística de um modo geral. A enunciação isolada, fechada e monológica, desvinculada de seu contexto linguístico, real e baseada em uma compreensão passiva do filólogo, tem sido o ponto de partida das teorias da linguística. A esse respeito, afirma o autor:

Estudam-se documentos históricos em relação aos quais os filólogos adotam uma atitude de compreensão passiva. Assim, todo o trabalho desenvolve-se nos limites de uma dada enunciação. Os próprios limites da enunciação como uma entidade total são pouco percebidos. O trabalho de pesquisa reduz-se ao estudo das relações imanentes no interior do terreno da enunciação. Todos os problemas daquilo que se poderia chamar de "política externa" da enunciação ficam excluídos do campo da observação. (BAKHTIN, 2006, p.106).

Consequentemente, todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica, proferida pelo sujeito, constituem um todo que é ignorado pela reflexão linguística. Esta, na verdade, não ousa ir além dos elementos constitutivos da enunciação monológica. Seu alcance máximo é a frase complexa -o período. A estrutura da enunciação completa é algo cujo estudo a linguística deixa para outras disciplinas: a retórica e a poética. Ela própria é incapaz de abordar as formas de composição do todo. Eis porque, de maneira geral, não há relação nem transição progressiva alguma entre as formas dos elementos constituintes da

enunciação e as formas do todo em que ela se insere (BAKHTIN, 2006; 2016). Assim,

O monologismo nega ao extremo, fora de si, à existência de outra consciência isônimo-responsiva, de outro *eu (tu)* isônimo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o *outro* permanece inteiramente apenas *objeto* da consciência e não outra consciência. Dele não se separa uma resposta que possa modificar tudo no mundo da minha consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força *decisiva*. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, retifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. (BAKHTIN, 2011, p.348).

Como mostrei, o *subjetivismo idealista* apoia-se sobre a enunciação monológica do sujeito como ponto de partida da sua reflexão sobre a língua. É verdade que seus representantes não abordaram esse tipo de enunciação do ponto de vista de uma compreensão passiva, mas sim dentro do âmbito da pessoa que fala, exprimindo-se. Esse exprimir-se revela a enunciação monológica do sujeito como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Bakhtin argumenta ainda que o *objetivismo abstrato* toma, da mesma forma que o *subjetivismo idealista*, a enunciação monológica do sujeito como seu ponto de partida básico. Isso fica bem explícito, como já mostrei, na teoria de Leo Spitzer, que apesar de tentar analisar as formas da linguagem na conversação em estreita ligação com as condições de utilização e, sobretudo, com a situação social do interlocutor, acaba por se apropriar de um método psicológico-descritivo. Assim, Leo Spitzer não tira de sua análise nenhuma conclusão sociológica coerente e a enunciação monológica do sujeito permanece na base da realidade linguística.

Os seres humanos, e por assim dizer o sujeito, incitam as suas habilidades de representação e combinam modalidades semióticas a fim de coconstruir o significado, de se referir a entidades e acontecimentos presentes e ausentes, de expressar intenções, desejos e sentimentos. Esse processo considera um conjunto de interações e postula uma máxima contra o monologismo. (MORGENSTERN, 2021).

A enunciação monológica fechada constitui-se como uma abstração. A concretização de uma dada palavra só é possível com sua inclusão no contexto histórico real em que o sujeito está inserido. Na enunciação monológica isolada, os

fos que ligam a palavra a toda a evolução histórica concreta foram cortados (BAKHTIN, 2006). Portanto, não há nessa situação aquilo que Bakhtin chama de dialogismo.

A linguagem, neste sentido, seria, portanto, a expressão de um em relação ao outro em um determinado momento sócio-historicamente situado e, assim, marcado na temporalidade como um evento único e irrepetível. (VIANNA, 2019).

Outro fato preocupante, em relação ao monologismo, refere-se ao fato de que a análise do discurso interior, elaborada por muitos teóricos da linguagem, tenta provar que as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos. Bakhtin refuta essa concepção, afirmando que:

A enunciação monológica já é uma abstração, embora seja uma abstração do tipo “natural”. Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipadas. Cada inscrição constitui uma parte inalienável da ciência ou da literatura ou da vida política. Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN, 2006, p.99).

O pensador acrescenta ainda que:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia de comunicação discursiva. Ele tem limites precisos determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado do outro é, antes de tudo, como a mônada, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural). (BAKHTIN, 2011, p.299).

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. (BAKHTIN, 2011, p.371).

O dialogismo seria então algo contrário ao monologismo. No sentido linguístico, decorre da interação verbal entre os sujeitos que estabelecem o diálogo. Mesmo o diálogo interior precisa e pressupõe outro sujeito para poder efetivar-se. De acordo com Barros e Fiorin (2011), as referências de Bakhtin em relação ao

papel do *outro* na constituição do sentido são extremamente frequentes ao longo de suas obras. Ele vai além, no sentido de afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva da voz do outro.

Para Lipman (1994), quando internalizamos o diálogo não apenas reproduzimos a expressão dos pensamentos dos outros sujeitos, como também argumentamos, em nossa própria mente, com respeito a essas opiniões. Além disso, absorvemos do diálogo que ouvimos o modo como as pessoas inferem, identificam pressuposições, exigem razões umas das outras e se envolvem em interações intelectuais críticas.

Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2011) argumenta que o dialogismo não se constrói somente pelo sujeito que fala, nem pelo discurso a partir de si mesmo. Mas é uma elaboração do sujeito tendo em vista os outros sujeitos, isto é, os outros sujeitos perpassam, atravessam, condicionando meu discurso e revelando, desta maneira, a língua em suas múltiplas formas, bem como a sua natureza dialógica. O dialogismo, além de ser um conceito sempre presente nos escritos de Bakhtin, funciona como célula geradora que singulariza e mantém vivo o pensamento produtivo do sujeito.

Em *Questões de literatura e de estética do romance* (1988), Bakhtin pontua que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os caminhos até o seu objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, p.88).

De acordo com Fiorin (2006), o dialogismo é um conceito de extrema importância, pois percorre todo o conjunto da obra de Bakhtin. Foi a partir do conceito de dialogismo que o teórico russo procurou apontar as diversas vozes presentes em um mesmo discurso e a sua historicidade, isto é, como se estabelece a relação de um discurso oral entre os sujeitos no contexto real e histórico.

O dialogismo e a polifonia se configuram em conceitos fundamentais na compreensão da dinâmica inerente ao processo de comunicação entre os sujeitos. Isso significa que esses conceitos compreendem o discurso não sob o aspecto da fala individual, mas sim no âmbito da sua instância significativa, do entrelaçamento

de discursos. Esse entrelaçamento entre discursos, por sua vez, é veiculado socialmente e realiza-se nas e pelas interações entre sujeitos histórico-sociais.

Cabe pontuar aqui a importância da polifonia e do dialogismo no contexto da educação. É preciso que a educação esteja atenta e saiba como incluir a multiplicidade de vozes, bem como as diferenças, as subjetividades e as ambiguidades que estão presentes na heterogeneidade e complexidade de suas estruturas. Neste sentido, o docente, o discente, o pesquisador, enfim, os vários sujeitos que compõem o processo educativo precisam estar atentos às múltiplas vozes, sejam orais ou escritas, que compõem o campo de ação no qual estão envolvidos. Disso resulta o fato de que o dialogismo e a polifonia, por levarem em consideração as diferentes vozes do discurso, podem possibilitar que a educação se torne um ambiente cada vez mais democrático.

4.3 A diversidade de gêneros do discurso em Mikhail Bakhtin

Posso afirmar que todos os diversos campos da vida do sujeito estão interligados ao uso da linguagem. É compreensível que, em relação aos campos da atividade humana, o caráter e as formas deste uso sejam multiformes. Logicamente que esse fato não contradiz a unidade nacional de uma língua. De acordo com Bakhtin (2011; 2006), o emprego da língua ocorre em forma de enunciados⁶⁰, que podem ser orais ou escritos, proferidos por integrantes de um determinado campo de atividade do sujeito. Esses enunciados traduzem as condições específicas e as finalidades de cada campo que vão além do seu conteúdo (temático) e estilo de linguagem, ou seja, não só pela seleção das regras lexicais, fraseológicas e gramaticais da língua; mas, acima de tudo, pela construção de sua composição.

O conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional constituem-se como três elementos que estão indissolivelmente ligados no conjunto dos enunciados. Esses componentes são, ainda, igualmente condicionados pela especificidade de cada campo da comunicação do sujeito. São exatamente esses campos da comunicação, composto pelos elementos elencados acima, que Bakhtin denominou de *gêneros do discurso*.

⁶⁰Bakhtin (1993) acrescenta que o enunciado caracteriza-se como uma unidade concreta, isto é, uma unidade carregada de sentido, essa unidade traz a possibilidade do outro tomar uma atitude responsiva de manter o caráter de interação, de relação com a palavra dita ou escrita.

O estilo, de acordo com Bakhtin (2011), manifesta-se pelo ponto de vista do sujeito acerca do assunto; é aquilo que leva em consideração, por um lado, as experiências anteriores do sujeito e, por outro, aquilo que os outros sujeitos poderão dizer acerca de um determinado tema. Bakhtin postula que o estilo é o elemento que melhor explicita seu enunciador e está fundamentalmente conectado ao tema, pois é algo indissociável das unidades temáticas. Sua materialização se dá claramente pelas escolhas linguísticas que são feitas pelo enunciador com vistas ao seu interlocutor e ao tema em pauta.

O conteúdo temático é aquilo que é desenvolvido durante o processo de escrita de um texto. Ele sempre ocorre dentro de um campo específico de atividade do sujeito. Constitui-se por meio de uma série de assuntos relacionados a uma mesma temática. Já o aspecto composicional é algo que ocorre quando o enunciador chega ao final do texto e acaba por tornar explícito aquilo que pretendia dizer por meio de parágrafos. Assim, esse aspecto caracteriza-se como o conjunto desses parágrafos com um sentido determinado.⁶¹ (BAKHTIN, 2011; 2016).

Para Medviédev (1994), a forma composicional não existe como uma *forma vazia*, mas somente enquanto enunciado real e único, com sua extensão e disposição gráfica própria. Medviédev afirma ainda que é ao ganhar conteúdo que a forma ganha definição necessariamente, isto é, os dois conceitos tornam-se indissociáveis⁶².

Em *Questões de estilística no ensino da língua*, Bakhtin (2013) afirma que a vontade discursiva do sujeito falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero do discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e

⁶¹ Tezza (2021) acrescenta que a forma composicional seria antes um resultado formal de um processo anterior, intrínseco à produção de sentido, e que poderia se definir fenomenologicamente por uma pergunta: ao escrever, o que eu faço com a voz dos outros? É uma pergunta que todo escritor, prosador ou poeta se faz antes de escrever a sua primeira palavra, mesmo que não pense nisso. A voz dos outros já está presente na palavra antes mesmo que ela seja escrita no papel: escrever é estabelecer, desde o primeiro sopro, alguma relação com uma voz intrusa. (TEZZA, 2021).

⁶² A discussão sobre a forma ou estrutura composicional dos enunciados está exposta em vários trabalhos do Círculo de Bakhtin, abordada em diversas perspectivas, embora em geral mantenham certa proximidade.

subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Há uma riqueza imensa quanto à diversidade de gêneros do discurso, pois existem inúmeras e inesgotáveis possibilidades na multifacetada atividade do sujeito. Cada campo de atividade elabora um conjunto dinâmico de gêneros do discurso, uma vez que eles crescem e se diferenciam à medida que o campo se desenvolve e ganha complexidade. De acordo com Brait *et al.* (2020), a realidade é múltipla, portanto a língua e os discursos se concretizam em diferentes gêneros.

São diversos os tipos de gêneros, mas cabe ressaltar que, entre os gêneros do discurso comuns a cada área, existem ainda aqueles para os quais atentamos menos, tais como: as breves réplicas do diálogo do cotidiano. Bakhtin (2016) salienta que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes, o relato cotidiano, a carta (em todas as suas diversas formas), etc.

Para Bakhtin, a heterogeneidade funcional dos gêneros do discurso faz com que muitos estudiosos da linguagem tornem seus traços gerais demasiadamente abstratos e vazios. Assim, ele acrescenta que o que mais se estuda nas teorias da linguagem são os gêneros literários, retóricos e discursivos. Neste viés,

A relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso, em qualquer campo de investigação linguística, redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2016, p.16).

Medviédev (2012) acrescenta que:

Se abordarmos o gênero do ponto de vista da sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade. [...] Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198).

Bakhtin defende que algo fundamental para uma introdução ao estudo dos gêneros é saber a diferença entre os gêneros do discurso primário (simples) e secundário (complexos). (BAKHTIN, 2016). Assim, os gêneros do discurso primário são aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata. Já

os secundários -romances, dramas, pesquisas científicas, etc.- surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo, relativamente desenvolvido e organizado. São, ainda, predominantemente escritos - ficcional, científico, sociopolíticos, etc. No processo de formação dos gêneros, os secundários incorporam e reelaboram os diversos gêneros primários.

Bakhtin afirma que todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciado, isto é, aos gêneros do discurso. Outro fato que temos que atentar é que os enunciados orais ou escritos, primários ou secundários e, também, os campos da comunicação discursiva podem refletir a individualidade do sujeito falante (ou do sujeito que escreve). Os gêneros literários da ficção são os mais propícios a aceitarem a individualidade do sujeito. Na ficção, a individualidade integra-se diretamente ao enunciado, aliás esse é um dos seus objetivos principais. Bakhtin argumenta que “no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos dessa individualidade.” (Bakhtin, 2016, p.17).

Os gêneros do discurso que oferecem condições menos propícias para o desenvolvimento da individualidade do sujeito são aqueles que requerem uma forma padronizada, como em muitas modalidades de documentos oficiais. De acordo com Bakhtin, na maioria dos gêneros discursivos, o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como seu objetivo, vira apenas um produto acidental do enunciado.

De acordo com Todorov (2011), cada campo de atividade pode ser julgado no domínio que lhe é próprio; mas é preciso atentar que todos participam de um projeto comum, sendo que esse projeto não pode ser conciliado com a ideologia individualista do sujeito.

A relação entre gênero e estilo de linguagem revela que os estilos de linguagem não são outra coisa se não estilos de gêneros de determinadas esferas dos campos de atividade da comunicação do sujeito. Em cada campo existe e são empregados gêneros que correspondem às suas condições específicas. De acordo com Bakhtin,

Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (...). O estilo integra a

unidade de gênero do enunciado como seu elemento. (BAKHTIN, 2016, p.18).

A estilística da língua, como disciplina autônoma, é necessária. Entretanto, esse estudo precisa levar em conta a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso. De acordo com Bakhtin, até seu tempo a estilística da língua carecia de semelhante base no estudo prévio das modalidades de gêneros. Daí decorreria sua fraqueza. Assim, não existe uma classificação dos estilos de linguagem que goze de um reconhecimento geral. As classificações são sumamente pobres e não diferenciadas.

Bakhtin argumenta que em uma gramática acadêmica da língua russa, por exemplo, recentemente publicada, são apresentadas as seguintes variedades estilísticas da língua: o discurso do livro, o discurso popular, o discurso abstrato-científico, técnico-científico, jornalístico-publicístico, oficial, familiar, cotidiano e o discurso popular vulgar. Paralelamente a esses estilos de linguagem, figuram como modalidades estilísticas palavras dialetais, palavras arcaicas, expressões profissionais, configurando, assim, uma classificação dos estilos absolutamente aleatória. De acordo com Bakhtin, tudo isso resulta da ausência de uma classificação bem pensada dos gêneros do discurso por campo de atividade do sujeito, bem como da distinção importante para a estilística entre os gêneros primários e secundários.

Outra questão importante que devemos atentar nessa relação entre os gêneros do discurso e a estilística refere-se ao fato de que as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. Isto é, para entender a complexa dinâmica histórica desses sistemas, para passar da descrição simples (e superficial, na maioria dos casos) dos estilos, que estão presentes e se alternam para a explicação histórica dessas mudanças, faz-se necessário uma elaboração especial da história dos gêneros (tanto primários quanto secundários). Essa elaboração deve refletir de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social do sujeito, uma vez que essas mudanças influenciam na modificação dos gêneros. (BAKHTIN, 2016).

Para Fiorin (2006), em relação aos gêneros do discurso o que importa no pensamento bakhtiniano é a maneira como eles se constituem, sua conexão e interação com as atividades do sujeito, ou seja, seu processo de produção. Isso quer

dizer que os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social do sujeito. Neste sentido, Bakhtin acrescenta que:

Os gêneros tem um significado particularmente importante. Ao longo dos séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo. Para o escritor-artesão, os gêneros servem como um chavão externo, já o grande artista desperta neles as potencialidades de sentido jacentes. Shakespeare usou e inseriu em suas obras os imensos tesouros dos sentidos potenciais que em sua época não puderam ser descobertos e conscientizados em toda a sua plenitude. O próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo de seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos dos gêneros literários, por exemplo, tem a incumbência de ajudá-lo nessa libertação. (BAKHTIN, 2011, p.364).

Bakhtin (2011) reforça que o sujeito fala, verbaliza e se expressa por meio de gêneros do discurso. Esses gêneros são algo que sempre se realizam no interior de uma determinada esfera da atividade humana. Logo, falar para Bakhtin não é apenas utilizar um código gramatical em um vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo -fonético, lexical, gramatical- pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. Em cada época na evolução da língua, o tom é dado por determinados gêneros do discurso, não somente secundários, mas também primários.

5. LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO-SOCIAL EM MIKHAIL BAKHTIN

No capítulo que segue, trago a maneira como os conceitos de linguagem, consciência e ideologia se estabelecem, na teoria bakhtiniana, enquanto elementos constitutivos da formação do sujeito histórico-social. Inicialmente abordo a questão da matriz sociológica da consciência na formação do sujeito histórico-social. Em seguida, trato dos fundamentos sociais da linguagem e, por fim, abordo a maneira como o signo ideológico interage na formação do sujeito.

Em relação à matriz sociológica da consciência na formação do sujeito, Bakhtin pontua que o estudo da consciência em seu tempo caracteriza-se por uma crescente ascensão de uma teoria meramente interpretativa. Essa análise interpretativa tem como um de seus principais defensores Wilhelm Dilthey.

No que se refere aos fundamentos sociais da linguagem, mostro que é por meio da linguagem que o homem se comunica, tem acesso à informação, profere e defende pontos de vista, partilha, constrói visões de mundo e produz conhecimento nos mais diversos âmbitos. O domínio da linguagem, seja ela expressa de forma escrita ou oral, possibilita a construção de novos saberes, conceitos e paradigmas que aperfeiçoam as potencialidades do sujeito. Entretanto, de nada adianta se esta linguagem não construir suas bases nos fundamentos histórico-sociais que caracterizam o sujeito autoconsciente. Neste ponto, discuto ainda acerca da relação entre linguagem e educação. Deste modo, sinalizo que a linguagem ocupa um papel central desde o desenvolvimento inicial do sujeito e reflito sobre como *educar através da discursividade*.

No último ponto, ao tratar da maneira como o signo ideológico interage na formação do sujeito, busco mostrar que o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos, ou seja, são mutuamente correspondentes. Onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.

5.1 A matriz sociológica da consciência na formação do sujeito

O estudo da consciência, na teoria bakhtiniana, está sempre relacionado ao contexto histórico no qual o pensador está inserido. Bakhtin assinala que esse estudo, em seu tempo, caracteriza-se por uma crescente ascensão de uma teoria

meramente interpretativa, sendo que essa teoria tem como um de seus principais defensores Wilhelm Dilthey⁶³. Ressaltamos aqui que a ideia (em si) de uma psicologia de análise e de interpretação é muito antiga, mas a teoria de Dilthey tem como novidade a procura pela satisfação das exigências metodológicas posta pelas Ciências Humanas, que estavam em um período de ascensão. (BAKHTIN, 2006; 2016).

As ideias de Dilthey revelaram-se muito fecundas e atraíram um grande número de adeptos, principalmente os pesquisadores na área de Ciências Humanas. Pode-se dizer que a maioria dos eruditos alemães contemporâneos que se ocupavam dessa temática estavam, alguns mais outros menos, sob a influência deste pensador⁶⁴.

De acordo com Bakhtin, a teoria da consciência em Dilthey consiste em descrever com discernimento, dissecar e explicar a vida psíquica do sujeito, como se tratasse de um documento que esteja submetido à análise do filólogo. “Segundo Dilthey, somente uma teoria descritiva e explicativa deste tipo pode servir de base às Ciências Humanas ou às ‘ciências do espírito’, como ele as chama.” (BAKHTIN, 2006, p.49).

O traço fundamental da crítica bakhtiniana a Dilthey dá-se pelo seguinte aspecto: a teoria da consciência de Dilthey trabalhou a questão do sujeito baseado em uma concepção idealista e seus seguidores permaneceram neste mesmo viés. Neste sentido, a ideia de uma psicologia de análise e de interpretação está estreitamente ligada às premissas idealistas do pensamento, em muitos casos aparece como uma ideia especificamente idealista. Assim, Bakhtin afirma que:

Realmente, a partir da forma pela qual a psicologia interpretativa foi criada e se desenvolveu até o presente, ela é idealista, e, portanto, inaceitável para o materialismo dialético. Segundo a visão de Dilthey e dos outros

⁶³Wilhelm Dilthey (1833 - 1911) conta, ao lado de Friedrich Nietzsche e Edmund Husserl, como sendo um dos mais importantes filósofos alemães da segunda metade do século XIX e do início do século XX. Seu nome está fortemente conectado com as Ciências Humanas, a hermenêutica, o desenvolvimento de uma psicologia não naturalista e compreensiva e a concepção de uma tipologia das visões de mundo. Sua vasta obra, que hoje soma vinte e seis volumes das Obras Reunidas, é de grande repercussão internacional. Não apenas na filosofia, mas também na germanística e na história, suas teses são discutidas até hoje. Seus escritos foram traduzidos em diversas importantes línguas, de tal modo que no presente momento existam, entre outras, edições americanas, francesas, russas, japonesas, espanholas e portuguesas, bem como uma série de traduções em italiano. (LESSING, 2019).

⁶⁴Sobre a influência de Dilthey, podemos citar pensadores como: Oskar Wahlzehl, Wilhelm Hundolf, Emil Ehrmattinger e outros. Esses são apenas alguns dos representantes mais significativos das Ciências Humanas, na Alemanha da época.

representantes da psicologia interpretativa, ela deve ser à base de todas as Ciências Humanas. (BAKHTIN, 2006, p.49).

As ideias de Wilhelm Dilthey e de seus seguidores não levam em consideração o caráter social do signo, que é uma das marcas essenciais da formação do sujeito. De acordo com Bakhtin, isso constitui a primeira mentira de toda sua concepção, isto é, não se compreende o vínculo indispensável entre o signo, a significação e o sujeito. Dilthey não percebe a natureza específica do signo. (BAKHTIN, 2006; 2016).

Na teoria de Dilthey, o signo só se torna signo na medida em que serve para expressar a vida interior do sujeito. É, assim, desvinculado das condições sócio-históricas da sua formação. A vida interior do sujeito confere ao signo uma significação que lhe é inerente. A construção dessa teoria encarna uma tendência comum ao conjunto da corrente idealista, que consiste em privar o sujeito de todo sentido, de toda significação do mundo material em benefício de um *espírito* fora do tempo e do espaço. Dilthey fundamenta o sujeito em um mundo no qual as condições do meio histórico-social não possuem nenhuma influência na sua formação.

É preciso compreender que no pensamento bakhtiniano o signo é uma unidade material, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, como tendo uma existência dissociada do signo. É por isso que para que a atividade mental tenha um sentido, para que ela possa ser compreendida e explicada, ela deve ser analisada por intermédio do signo real e tangível. Logo, essa análise deve levar sempre em consideração a concepção de um sujeito histórico-social. (BAKHTIN, 2006, p.50).

A consciência só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico a atividade interior do sujeito, enquanto tal, não existe. Posso constatar que toda atividade mental é exprimível, isto é, constitui uma *expressão potencial*. Todo pensamento, toda emoção e todo movimento voluntário só se constituem como algo porque são exprimíveis. Assim, não existe um abismo entre a atividade psíquica interior e sua expressão, não há ruptura qualitativa de uma esfera da realidade a outra. Conforme Bakhtin,

A passagem da atividade mental interior à sua expressão exterior ocorre no quadro de um mesmo domínio qualitativo, e se apresenta como uma mudança quantitativa. É verdade que, correntemente, no curso do processo

de expressão exterior, opera-se a passagem de um código a outro (por exemplo: código mímico/código linguístico), mas o conjunto do processo não escapa do quadro da expressão semiótica. (BAKHTIN, 2006, p.51).

O que constitui, então, o material semiótico do psiquismo do sujeito para Bakhtin?

Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, tudo o que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, pode tornar-se expressivo. (BAKHTIN, 2006).

Certamente que nem todos os elementos citados anteriormente têm um valor igual. Para que um psiquismo seja ou esteja relativamente desenvolvido é necessário um material semiótico refinado e flexível. É preciso, ainda, que esse material se preste a uma formalização e a uma diferenciação no meio social, no processo de expressão exterior. É por isso que a palavra (enquanto discurso interior) se revela como o material semiótico privilegiado do psiquismo.

Bakhtin vai argumentar que é verdade que o discurso interior se entrecruza com uma massa de outras reações gestuais que possuem um valor semiótico. Mas a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior. Neste sentido, “A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada, enquanto que a exclusão de todos os outros movimentos expressivos a diminuiriam muito pouco.” (BAKHTIN, 2006, p.51).

Tanto para o fisiólogo quanto para o biólogo, é importante que se leve em conta a função semiótica expressiva -e, portanto, a função social- dos processos sociológicos correspondentes ao sujeito. Sem isso, o fisiológico não compreenderá seu papel biológico no conjunto do funcionamento do organismo. Já o biólogo, por sua vez, não pode excluir o ponto de vista do sociólogo; ele precisa considerar que o organismo do sujeito não pertence a um meio natural abstrato, mas faz parte integrante de um meio social específico. (BAKHTIN, 2006). O problema é que uma vez considerada a função semiótica dos processos fisiológicos correspondentes, o fisiólogo centra-se na observação de seus mecanismos puramente fisiológicos -por exemplo, o mecanismo dos reflexos condicionados- e abstrai completamente suas

significações ideológicas mutáveis, que se subordinam a leis sócio-históricas. Em suma, o conteúdo do psiquismo passa a não lhes interessar.

Podemos fazer agora a seguinte indagação: qual é a natureza da função psíquica que forma o sujeito? Em resposta a essa questão pontuamos, primeiramente, que a crítica bakhtiniana à teoria da consciência interpretativa de Dilthey estende-se a uma crítica à psicologia funcionalista. Neste sentido, Bakhtin acredita que esse modo de psicologia, apesar de alguns de seus aspectos mostrarem-se opostos à teoria de Dilthey, formou-se e se desenvolveu, também, sobre as bases do idealismo.

O pensador garante que a resposta clara e satisfatória a essa questão não se encontra junto aos adeptos dessa forma de psicologia. Neste quesito, “falta-lhes clareza, não se encontra unidade, nem acordo. Mas há um ponto sobre o qual eles são unânimes: a função psíquica não pode ser assimilada a um processo fisiológico qualquer.” (BAKHTIN, 2006, p.53). Assim sendo, a componente psicológica é nitidamente demarcada em relação à componente fisiológica. Mas saber o que realmente constitui a natureza do psíquico do sujeito é algo que permanece obscuro tanto para a teoria da consciência interpretativa de Dilthey quanto para a corrente da psicologia funcionalista. Outro ponto que essa teoria deixa intocável é o problema da realidade dos fenômenos ideológicos. De acordo com Bakhtin,

A maior parte dos representantes da psicologia funcionalista se atém a perspectivas idealistas, essencialmente kantianas, acerca desse problema. Ao lado do psiquismo individual e da consciência subjetiva individual, eles reservam um lugar à “consciência global”, à “consciência transcendental”, ao “sujeito puramente gnosiológico”, etc. É neste contexto transcendental que eles localizam o fenômeno ideológico, por oposição à função psíquica individual. (BAKHTIN, 2006, p.54).

O problema da realidade ideológica fica sem solução nos quadros da psicologia funcionalista. O resultado dessa falta de compreensão do signo ideológico e da natureza específica de sua existência recai sobre os próprios problemas do psiquismo que permanecem insolúveis. E eles não serão resolvidos enquanto não se resolver o problema da ideologia. A ideologia, privada pelo antipsicologismo de seu lugar habitual no ser (isto é, no psiquismo do sujeito), não encontra seu lugar em parte alguma e se vê obrigada a emigrar da realidade para as *alturas transcendentais*. (BAKHTIN, 2006).

Mas respondendo à questão primária acerca da natureza da função psíquica que forma o sujeito, para Bakhtin essa natureza é constituída por valores predominantes da interação entre os sujeitos. Isto é, a consciência só se forma enquanto consciência mediante a interação com a consciência alheia e nisso condiz a sua natureza.⁶⁵ Ela só é na medida em que é para outro, está impregnada de discurso (e não pode abster-se dele) que sempre é em função do outro, mesmo sendo um discurso interior. Ademais, a consciência sempre é em função das condições do meio histórico-social no qual os sujeitos estão inseridos. Bakhtin acrescenta:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 2003, p.373- 374).

Bakhtin emprega então o conceito de *exotopia*, que se traduz na consciência do sujeito fora do sujeito, ou seja, a consciência do sujeito só existe porque é formada em relação ao outro. O pensador defende que há uma limitação no meu olhar que só pode ser preenchida pelo outro. Cada sujeito se encontra na fronteira do mundo que vê. É através da exotopia e do dialogismo que o sujeito percebe que sua visão precisa do outro para ver-se, completar-se.⁶⁶ (BAKHTIN, 2003).

Contemplar a mim mesmo no espelho é um caso inteiramente específico de minha visão externa. Tudo indica que nesse caso vemos a nós mesmos de forma imediata. Mas não é assim; permanecemos dentro de nós mesmos e vemos apenas o nosso reflexo que não pode tornar-se elemento imediato da nossa visão e vivenciamento do mundo: vemos o reflexo da nossa

⁶⁵Neste sentido, Holquist (1990) acrescenta que a consciência é sempre uma consciência para o outro, tendo em vista que uma consciência única é insignificante, comparada a não existência e à morte. O dialogismo, a própria capacidade de ter uma consciência tem como base a alteridade, no dialogismo, a consciência é alteridade.

⁶⁶A esse respeito em *Estética da Criação Verbal* Bakhtin acrescenta que: “Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos, efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou aquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa.” (BAKHTIN, 2011, p.21).

imagem externa, mas não a nós mesmos em nossa imagem externa; a imagem externa não nos envolve ao todo; estamos diante e não dentro do espelho. (BAKHTIN, 2011, p.30).

Já a fotografia só oferece elementos para comparação, *cotejo*. Nela também não vemos a nós mesmos, mas tão somente o nosso reflexo sem autor; é verdade que esse reflexo já não reproduz a expressão do outro fictício, no entanto é percebido de forma aleatória, artificial. A fotografia não expressa minha diretriz volitivo-emocional no acontecimento da existência, é um material bruto que de modo algum pode ser incluído na unidade da minha experiência de vida. (BAKHTIN, 2011).

Portanto, a visibilidade do sujeito no mundo, ou seja, em relação ao seu lugar espacial e temporal, revela-se pelo olhar e pelo discurso do outro. Logo, a formação da consciência no sujeito é fruto do modo como ele compartilha seu olhar com o olhar do outro, criando desta forma uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações histórico-sociais.

5.1.1 A relação entre consciência e ideologia na formação do sujeito histórico-social

No diálogo, a realização -mesmo falha- vale sempre mais do que a intenção. Assim, o pensamento que só existe no contexto da consciência do sujeito e não é reforçado no contexto prático de vida, enquanto sistema ideológico coerente, é caracterizado apenas como um pensamento obscuro e inacabado. “O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e conseqüentemente fora da orientação social dessa expressão.” (BAKHTIN, 2006, p.12).

Bakhtin acredita que o conceito de *sujeito individual* é um fato que complica ainda mais o problema da delimitação do psíquico e do ideológico. Neste sentido, a gênese do problema ocorre porque geralmente se toma uma correlação entre o individual e o social de onde se extrai a conclusão de que o psiquismo é individual e a ideologia é social.

Para Bakhtin, esta concepção revela-se radicalmente falsa. Pois considerar o sujeito *social* não significa considerá-lo desprovido dos conteúdos de sua consciência, de autor dos seus pensamentos, de personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos. Pelo contrário, todas essas características,

apesar de se manifestarem por expressões individuais, revelam o sujeito como puramente socioideológico. Essa é só mais uma das razões pelas quais o conteúdo do psiquismo *individual* é por natureza social. Em relação à ideologia, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem (enquanto sujeito individual), torna-o condicionado por fatores sociológicos.

Outra questão importante relativa ao individual refere-se ao fato de que se deve estabelecer uma distinção entre o conceito de *indivíduo natural isolado* e o conceito de *individualidade*. Neste sentido, o indivíduo natural isolado é aquele sujeito que não está relacionado ao mundo social, ele é tal como designa a Biologia ou a Fisiologia. Já o conceito de *individualidade* é uma personalidade, apresenta-se como uma superestrutura ideológica semiótica que se coloca acima do indivíduo natural e que é por consequência social.

Se por um lado o conteúdo do psiquismo individual do sujeito é tão social quanto a ideologia, por outro lado as manifestações ideológicas são tão individuais - no sentido ideológico deste termo- quanto psíquicas. Assim, "Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas." (BAKHTIN, 2006, p.57).

Todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se na consciência do sujeito, em seu psiquismo, apoiando-se no sistema de signos e se consolidando como um material ideológico. Neste sentido, todo o pensamento do sujeito, desde a origem, pertence ao sistema histórico-ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento também pertence a outro sistema único, o sistema do meu psiquismo. O caráter único desse sistema não é condicionado somente pela unicidade do organismo biológico do sujeito, mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que ele se encontra.

A personalidade do sujeito que se exprime do seu interior para o exterior revela-se como um produto das relações sociais. Em um contexto mais amplo, todo o itinerário que leva a atividade mental à sua objetivação externa situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato

de fala e, acima de tudo, aos sujeitos interlocutores concretos reais. (BAKHTIN, 2006; 2011; 2016).

Tudo isso que foi mostrado lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia que abordamos no início da pesquisa. Esse novo olhar exprime que fora de sua objetivação, de sua realização em um material determinado -o gesto, a palavra, o grito-, a consciência é apenas uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. (BAKHTIN, 2006). Mas, enquanto expressão material estruturada - através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical etc.-, a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa.

Enquanto a consciência permanecer fechada na cabeça do sujeito consciente, como uma expressão embrionária, o seu estado será apenas de esboço, o seu raio de ação será limitado. Mas assim que o sujeito passa para o contexto da objetivação social, que entra no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, a consciência torna-se uma força real capaz de exercer uma ação sobre as bases econômicas da vida social. De acordo com Bakhtin,

Essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida (a ciência, a arte, etc.), mas mesmo sob a forma original confusa do pensamento que acaba de nascer, pode-se já falar de fato social e não de ato individual interior. (BAKHTIN, 2006, p.120).

A atividade mental tende, desde a origem, para uma expressão externa plenamente realizada. Lógico que pode acontecer também que ela seja bloqueada, freada, que não seja exercitada. Nesse último caso, a atividade mental desemboca em uma expressão inibida. Entretanto, uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental, ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Cabe trazer, ainda, dois aspectos da teoria bakhtiniana que são constitutivos do sujeito e caracterizam-se como subdivisões da ideologia, a saber: *A ideologia do cotidiano* e *Os sistemas ideológicos constituídos*. *A ideologia do cotidiano* é a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, bem como a expressão que a ela se liga. Ela constitui o domínio da palavra interior e

exterior desordenada, isto é, não é fixada em um sistema que acompanha cada um dos atos ou gestos do sujeito e cada um dos seus estados de consciência.

Considerando a natureza sociológica da estrutura, da expressão e da atividade mental, posso dizer que a *ideologia do cotidiano* corresponde, no essencial, àquilo que se designa na literatura marxista sob o nome de *psicologia social*. Nesse contexto particular, Bakhtin prefere evitar o termo *psicologia*, pois para ele o que importa é o conteúdo do psiquismo e da consciência no sujeito. Assim, de acordo com Bakhtin, esse conteúdo é totalmente ideológico, sendo condicionado por fatores não individuais e orgânicos (biológicos, fisiológicos), mas puramente sociológicos. O fator individual orgânico não é pertinente para a compreensão das forças criadoras e vivas essenciais do conteúdo da consciência. (BAKHTIN, 2006).

Os *sistemas ideológicos constituídos*, por sua vez, podem ser da moral social, da ciência, da arte, da religião, do direito, etc. Esses *sistemas* cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano. Eles exercem sobre a *ideologia do cotidiano* uma forte influência e dão a ela uma tonalidade, ao mesmo tempo em que mantêm um elo orgânico vivo com essas ideologias. (BAKHTIN, 2006).

5.2 Os fundamentos sociais da linguagem

Faraco (2009), em uma perspectiva bakhtiniana, afirma que não existe nem pode haver a possibilidade de enunciados neutros. Todo enunciado emitido pelo sujeito emerge sempre e necessariamente de um contexto cultural, carregado de significados e valores, sendo, portanto, um ato responsivo, uma ação na qual um sujeito assume uma posição nesse contexto.

Bakhtin (2006; 2008; 2011), no mesmo sentido da afirmação anterior, coloca em primeiro lugar a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. Para ele, a língua é um fato social cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Yaguello (2006) pontua que Bakhtin examina a relação entre linguagem e sociedade, colocando sob o signo da dialética o efeito das estruturas sociais.

De acordo com Bakhtin, o livro, ou seja, o ato de fala impresso também se constitui como um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso

interior. Ademais, o livro contém ainda as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas e resenhas, por exemplo, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.).

O ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores. O livro decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala. É um discurso que responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas, objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Bakhtin (2011) enfatiza que o sujeito não profere atos de fala no vazio, não produz enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Como mostrei na subseção intitulada, *A diversidade de gêneros do discurso em Mikhail Bakhtin*, os enunciados do sujeito (sejam orais ou escritos) terão sempre um conteúdo temático, uma organização composicional e estilo próprio. Esses elementos estão ligados às condições de realização e às finalidades específicas de cada esfera de atividade. Assim, os enunciados estão sempre relacionados ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos⁶⁷.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, representa somente uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta mais ampla (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Essa comunicação verbal ininterrupta constitui apenas um momento na evolução contínua de um dado grupo social. É preciso esclarecer ainda que, no processo de interação verbal não se deve considerar somente a situação imediata, mas deve-se levar em conta também o contexto social mais amplo.

Essas relações de interação tomam formas diversas e os diversos elementos da situação recebem uma significação diferente a partir dela. Isso se constitui como um processo de reconhecimento entre os sujeitos dentro de uma determinada esfera. É isso que faz com que os elos que se estabelecem com os

⁶⁷Martín-Baró (1989) nos fala acerca da perspectiva dialética e, portanto, também da constante inserção do grupo em uma realidade social e histórica. Para esse autor, nesse processo dialético, as dimensões históricas, econômicas, políticas e culturais se encontram, atravessando-o e construindo-o. Por sua vez, os grupos também proporcionam atuação nessa realidade: as relações que acontecem cotidianamente produzem contradições dentro do espaço do grupo, que se forma a partir de aspectos singulares e também da realidade objetiva da sociedade.

diferentes elementos de uma situação de comunicação artística, por exemplo, venham a se diferenciar dos elos de uma comunicação científica.

A comunicação verbal do sujeito não poderá jamais ser compreendida e explicada fora do vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção na qual o sujeito está inserido. Bakhtin acrescenta que:

Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p.348).

Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é, muitas vezes, apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar. (BAKHTIN, 2006; 2011; 2016).

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual do sujeito.

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da linguagem do sujeito deve ser a seguinte:

1. Primeiro: deve-se estudar as formas e os tipos de interação verbal, em ligação com as condições concretas em que são proferidas pelo sujeito;
2. Segundo: deve-se estudar as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação com a constituição de seus elementos. Em outras palavras, deve-se estudar as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação com as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica;
3. Terceiro: completados os dois primeiros passos, deve-se partir para o exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Quero frisar aqui mais uma das muitas e importantes contribuições de Bakhtin para a educação. Ele faz, ainda que de maneira sintética, um primeiro esboço metodológico para o estudo da língua. E ele situa isso no contexto real, pois acredita que é nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua. Primeiramente as relações sociais do sujeito evoluem, depois a comunicação e a interação verbal evoluem no quadro das relações sociais. As formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal e o processo de evolução se reflete na mudança das formas da língua. (BAKHTIN, 2006; 2011). Uma teoria da linguagem de base material deve colocar como foco de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura socioideológica. (BAKHTIN, 2006).

Para Todorov (2011), Bakhtin busca uma teoria linguística cujo objeto já não seja mais o enunciado isolado, mas sim a enunciação, a interação verbal. Após criticar o excesso de estruturalismo nas teorias linguísticas que reduz a linguagem a um código e esquece que o discurso é acima de tudo uma ponte lançada entre duas pessoas, Bakhtin formula propostas positivas para o estudo da interação verbal.

Para Bakhtin (2006; 2008; 2011) é inadmissível que a escola de Vossler seja considerada um dos movimentos mais fortes do pensamento linguístico de sua época. No alargamento dessa crítica, visando à construção de uma linguagem que considere o sujeito no seu aspecto histórico-social, sintetizo aqui o pensamento de Bakhtin nas seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica, que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua que implica o sujeito em sua formação histórica e social;
2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos sujeitos locutores;
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, também não se reduzem a um conjunto de regras; por outro lado, não podem ser dissociadas da atividade dos sujeitos falantes. Portanto as leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas;
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam.

5 A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo *individual*) é uma *contradictio in adjecto* (isto é, uma contradição entre as partes de um argumento).

A língua, portanto, não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas é um produto das relações sociais entre falantes. Conforme o idioma, conforme a época, conforme os grupos sociais e o contexto, ela varia em sua forma. O que essas mudanças atestam é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes. (BAKHTIN, 2006).

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura de uma enunciação concreta que, em última instância, remete ao social. É somente através da enunciação que a língua tem contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. Bakhtin vai argumentar que as condições da comunicação verbal do sujeito, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinadas pelas condições sociais e econômicas da época. O pensador acrescenta que:

As condições mutáveis da comunicação sócio-verbal precisamente são determinantes para as mudanças. Além disso, aventuramo-nos mesmo a dizer que, nas formas pelas quais a língua registra as impressões do discurso de outrem e da personalidade do locutor, os tipos de comunicação sócio-ideológica em transformação no curso da história manifestam-se com um relevo especial. (BAKHTIN, 2006, p.157).

É por meio da linguagem que o homem torna-se sujeito, sai da sua individualidade e passa a pertencer a um conjunto mais amplo. A língua faz com que o homem seja capaz de construir sua própria trajetória, transforme-se, torne-se um sujeito histórico-social. Neste viés, a linguagem vai além de sua dimensão comunicativa, ela é para o sujeito a possibilidade materializada de sua objetivação social.

5.2.1 A importância da palavra na formação do sujeito

Bakhtin (2006) argumenta que na estrutura da linguagem todas as noções substanciais formam um sistema. Esse sistema é construído de pares indissolúveis e solidários. Posso citar, como exemplo desses pares, o reconhecimento e a

compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo; seja enunciado ou interno, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, à identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado.

Bakhtin valoriza a palavra como uma característica comum e fundamental a todas essas noções de substâncias. O pensador afirma a natureza social e não individual desse conceito. Para ele, a fala, por um lado, está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação do sujeito e, por outro, está ligada às estruturas históricas e sociais que formam a sociedade, assim:

A palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN, 2006, p.15).

Faraco (2009) acrescenta que nas relações dialógicas nem sempre haverá consenso, ou seja, essas relações não apontam apenas na direção das consonâncias, mas também das multissonâncias e das dissonâncias. Nas dinâmicas das relações dialógicas pode surgir tanto a convergência quanto a divergência. Dessa forma, Bakhtin entende as relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados. A essa questão, ele acrescenta:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro⁶⁸. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo inicial do discurso) e terminado na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). Para cada indivíduo, essa desintegração de todo o expresso na palavra em um pequeno mundinho de suas palavras (sentidas como suas) e o imenso e infinito mundo das palavras do outro são o fato primário da consciência humana e da vida humana. (BAKHTIN, 2011, p.379).

⁶⁸ “Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha* (...). As complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem.” (BAKHTIN, 2011, p.379).

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência e sua realidade é absorvida por sua função de signo. Ela não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social do sujeito. Neste sentido, a representatividade dela como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para a colocarmos em primeiro plano no estudo das ideologias. É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. (BAKHTIN, 2006; 2011; 2003)⁶⁹.

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo, ela é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 2006).

Bakhtin acrescenta que há outra propriedade da palavra que lhe traz uma importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual. Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é ao mesmo tempo produzida pelos próprios meios do organismo individual. Isso determina o papel da palavra como material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior). Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível e veiculável pelo corpo. A palavra constitui exatamente esse tipo de material. Ela é, por assim dizer, utilizável como signo interior, por isso o problema da consciência individual como problema da palavra interior. (BAKHTIN, 2006, p.35).

Certamente esse problema não pode ser abordado corretamente se recorrermos aos conceitos usuais da palavra e da língua tais como foram definidos pela linguística e pelas teorias da linguagem, ou seja, nos moldes do *subjetivismo*

⁶⁹No sentido das afirmações feitas neste parágrafo, Bakhtin acrescenta: “A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica (...). Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada.” (BAKHTIN, 2011, p.356).

idealista e do *objetivismo abstrato*. Assim, para Bakhtin é preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social, só assim compreenderemos seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional, de instrumento da consciência, que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica (seja ela qual for).

De acordo com Bakhtin, isso não significa que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. Nenhum signo ideológico específico, fundamental, é inteiramente substituível por palavras. Por exemplo: é impossível, em última análise, exprimir em palavras de modo adequado uma composição musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grosseiros. Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, apoia-se nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical. (BAKHTIN, 2006).

É importante frisar também que nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado, pois se torna parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais (como as ondulações concêntricas a superfície das águas) moldam cada um dos signos ideológicos. Em outras palavras, toda refração ideológica do sujeito em processo de formação (enquanto sujeito histórico-social), seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhado de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (BAKHTIN, 2006; 2011; 2016).

Todas as propriedades da palavra que acabamos de mostrar, sua pureza semiótica, sua implicação na comunicação humana, sua possibilidade de interiorização e sua presença obrigatória como fenômeno acompanhante em todo ato consciente, fazem dela o objeto fundamental para o estudo das ideologias. As leis da refração ideológica da existência em signos e em consciência, suas formas e seus mecanismos, devem ser estudados a partir desse material que é a palavra. (BAKHTIN, 2006).

O que é importante notar na palavra é sua ubiquidade social, isto é, sua capacidade de estar inerente em todos os fatos da língua do sujeito. Isso se confirma pelo fato da palavra penetrar literalmente em todas as relações entre sujeitos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, científico, artístico, etc.

De acordo com Bakhtin, as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Nessa perspectiva, fica claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. Conforme Bakhtin,

A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2006, p.40).

Cada pessoa ocupa um lugar em um espaço-temporal determinado. É a partir desse lugar único que o sujeito revela seu modo de ver o outro e o mundo físico que o envolve. Nessa maneira de ver o mundo, a ênfase encontra-se no espaço ocupado pelo olhar e pela palavra, na construção do sentido que o sujeito confere a sua experiência de estar no mundo.

Ao observar as interações sociais e os enunciados que emergem na vida cotidiana, constato a minha necessidade absoluta do outro. Nem mesmo a individualidade teria existência se o outro não a criasse. O território interno de cada um não é soberano, como bem explicita Bakhtin (2003), ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. A procura do sujeito pela própria palavra já configura a busca por algo não necessariamente dele, mas maior que ele mesmo. É a tentativa do sujeito de sair de suas próprias palavras, por meio das quais não consegue dizer nada de essencial. (BAKHTIN, 2011).

5.2.2 Considerações acerca da relação entre linguagem e educação em Mikhail Bakhtin

Bakhtin traz uma maneira de pensar, como já apontado, influenciado por uma tendência histórico-social como aspecto fundamental na formação do sujeito. As considerações do referido pensador, em relação a essa temática, desvelam a possibilidade de desencadeamento de um pensamento de caráter educacional, principalmente quando se trata de suas contribuições no campo da linguagem.

A linguagem ocupa um papel central desde a formação inicial do sujeito, isto é, desde criança. É a partir da infância que o sujeito, em seu envolvimento diário em diálogos com outras pessoas, desenvolve a compreensão de seu papel social e aprende como fazer uso das formas linguísticas convencionais, que são transmitidas através das vozes dos outros. (MORGENSTERN, 2021).

De acordo com Bakhtin (2006; 2011), o processo pelo qual a criança assimila sua língua materna é um processo de integração progressiva da criança na comunicação verbal. À medida que essa integração se realiza, sua consciência é formada e adquire conteúdo. Após esse processo, de formação da consciência na criança, não existe fronteira entre o psiquismo e a ideologia.

Entretanto, no desenvolvimento da consciência do sujeito pode ocorrer uma anomalia, que Bakhtin (2006) denomina de *diferença de grau da consciência*. Nesse caso, o elemento ideológico permanece no estágio do desenvolvimento interior. Ele não é exteriorizado sob a forma de material ideológico e constitui-se apenas como um elemento confuso. Portanto, ele não pode aperfeiçoar-se, diferenciar-se e afirmar-se. Daí emerge a importância de um processo educativo na formação do sujeito. A educação constitui-se como uma das principais vias de exteriorização do elemento ideológico do sujeito, uma vez que ela possibilita o contato social entre sujeitos, possibilita o diálogo, e, portanto, a interação social.

Fiorin acrescenta que esse processo de interação, ao qual Bakhtin remete, ocorre principalmente através da escola. Assim,

A sala de aula é um lugar de encontro de diferentes vozes, as quais mantêm relações de controle, negociação, compreensão, concordância, discordância, discussão. Neste espaço, a aprendizagem é uma atividade social de construção em conjunto, resultante das trocas dialógicas, uma vez que, na perspectiva bakhtiniana, o significado não é inerente à linguagem, mas elaborado socialmente. (FIORIN, 2006 p.18).

A interação social desempenha um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem. Ou seja, a atuação do adulto oferece um suporte à aquisição desta ferramenta. Portanto, evidencia-se a importância e a necessidade de que os profissionais da área de educação carreguem consigo a capacidade de proporcionar uma ação educativa de natureza dialógica. (BRUNER, 2004).

O conceito de discursividade em Bakhtin remete ao estabelecimento de uma postura educacional necessariamente dialógica. Essa postura possibilita a interação entre sujeitos, na qual tanto os professores como os alunos se tornam protagonistas na promoção e na efetivação do saber. Neste sentido, Bakhtin (2011; 1993) afirma que os limites de cada enunciado são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, pois a palavra que entra em nosso discurso está impregnada de enunciações alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações.

Priorizar o diálogo no sentido bakhtiniano, na educação, é compreender a linguagem como vida, enquanto forma de inter(ação). É considerar a linguagem como o lugar de constituição do sujeito nas relações sociais. A questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer ser humano, já que é ela que permite aos sujeitos a compreensão do mundo e como estes devem nele agir, sendo esse espaço o da interlocução. (GIOVANI; REYES, 2019).

Quero frisar aqui que, em Bakhtin, é possível pensar em *educar através da discursividade*. Suas reflexões permitem que consideremos a escola não somente como responsável em nos ensinar o padrão culto da língua, mas uma educação que promova um status de emancipação do sujeito educando, através da interação social. Neste sentido, Bakhtin acrescenta que:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2006, pp.123-124).

É fundamental, para uma compreensão crítica da arte, da educação e da cultura do outro, escutar as suas narrativas, aproximar-se das suas histórias, de seus objetos artísticos, buscando conhecer o contexto e os autores dessas produções. Podemos dizer que em todo discurso, seja ele uma história narrada ou

um objeto artístico, circulam manifestações culturais da sociedade em que ele se situa. (SOSNOWSKI, 2019, p.281).

Não posso deixar de mencionar que a perspectiva bakhtiniana, como já mostrei, recusa-se a receber moldes e reproduzir mecanicamente os modelos valorizados por uma única fala (BAKHTIN, 2008), evidencia-se novamente a importância dos escritos de Bakhtin para a educação, principalmente se considerarmos que no contexto educacional existe a necessidade de uma participação efetiva dos educandos.

Dias (2014) acrescenta que uma educação que tenha o comprometimento com a formação histórico-social do sujeito precisa criar condições para o desenvolvimento do uso eficaz da linguagem. Assim, verifica-se a importância das abordagens teóricas de Bakhtin no que se refere ao papel central que a linguagem ocupa na constituição, no desenvolvimento e na formação do sujeito.

5.3 O signo ideológico na formação do sujeito

A linguagem do sujeito possui uma ligação direta e necessária com a ideologia. Neste sentido, a consciência, o pensamento e a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são ao mesmo tempo modelados por essa ideologia. O psiquismo e a ideologia estão em *interação dialética constante*. Eles têm como terreno comum o signo ideológico: “O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico”. (YAGUELLO, 2006, p.17).

De acordo com Yaguello (2006) há sempre um sujeito interlocutor (ao menos potencial). Esse sujeito pensa e se exprime para um auditório social definido. Assim, o signo e a situação social do sujeito estão indissolivelmente ligados. Yaguello, na perspectiva Bakhtiniana, defende ainda que todo signo é ideológico.

Neste sentido, as bases de uma teoria materialista da criação ideológica devem estar estreitamente ligadas aos problemas das teorias da linguagem. Um produto ideológico faz parte de uma realidade, como todo corpo físico ele reflete ou refrata outra realidade que lhe é exterior e que se personifica no seu significado. Este significado é aquilo que remete a algo fora de si mesmo, assim, tudo que é ideológico é um signo. Sem os signos não existe a ideologia. Para Bakhtin (2006

p.29), “Se um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de uma ideologia”.

Vale acrescentar que todo corpo físico pode ser percebido como um símbolo. Neste sentido, toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. O objeto converte-se assim em signo, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e refratar em certa medida outra realidade. Como exemplo disso, posso citar um instrumento de produção, pois este não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. Ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Entretanto, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico. É o caso da foice e do martelo como emblema da União Soviética, que passam a assumir um sentido puramente ideológico. (BAKHTIN, 2006).

Bakhtin (2006) acrescenta que qualquer produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Logo, os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser associados a signos ideológicos. Mas essa associação não apaga a linha de demarcação existente entre o signo e o objeto particular físico em si. Existe, portanto, ao lado do universo particular do objeto, outro universo, o dos signos.

O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos, são mutuamente correspondentes. Onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico, ou seja, “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 2006, p.30; BAKHTIN, 1999, p.32). Bakhtin acrescenta que:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe da sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN, 2006, p.30).

Olson, Seikkula e Ziedonis (*et al.* 2014) acrescentam que Bakhtin traz uma ideia de análise do discurso na qual um enunciado concreto nunca está dissociado de seu contexto cultural, apresentando uma verdade científica, artística,

política, entre outras, mas sempre carregada de uma ideologia de base, localizada em um tempo e em um espaço. Neste viés, pode-se afirmar então que um enunciado nunca é despretensioso, assim como sua análise não o é, já que ele intenciona dizer algo que remete, antes, a uma ideologia e que sua análise está carregada, por sua vez, da visão do sujeito que a realiza.

Todo fenômeno que funcione como um signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo, etc. No entanto, de acordo com Bakhtin (2006), por mais elementar e evidente que o signo possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem. Bakhtin fez, como mostrei, duras críticas à filosofia idealista e à visão psicologista interpretativa que, em suas análises, situaram a ideologia na consciência. Essas posturas afirmaram que a ideologia é um fato da consciência e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior do sujeito, isto é, da compreensão. Assim, nas palavras do autor,

O idealismo e o psicologismo esquecem que a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico, que o signo se opõe ao signo, que a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. Afinal compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta ao signo por meio de signos (BAKHTIN, 2006, p.32).

Existe, portanto, uma cadeia ideológica que se estende de sujeito a sujeito, de consciência individual para consciência individual, ligando uma às outras. Assim, os signos só emergem do processo de interação entre uma consciência individual e outra. A própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico, que ocorre conseqüentemente no processo de interação social do sujeito. (BAKHTIN, 2006, p.32). De acordo com Bakhtin,

A enunciação humana por mais primitiva que seja, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social.

O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros,

materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros, expressa na palavra. (BAKHTIN, 2008, p.98).

Bakhtin não ignora as diferenças metodológicas que existem entre a filosofia idealista e o psicologismo, entretanto ele defende que ambas as posturas cometem o mesmo erro fundamental. Essas correntes situam a ideologia na consciência do sujeito e transformam o estudo das ideologias no estudo da consciência e de suas leis, pouco importa que isso seja feito em termos transcendentais ou em termos empírico-psicológicos. Esse erro, argumenta Bakhtin (2006), não só é responsável por uma confusão metodológica acerca da inter-relação entre domínios diferentes do conhecimento, como também por uma distorção radical da realidade estudada. A criação ideológica, ato material e social, é introduzida à força no quadro da consciência individual desse ou daquele sujeito. A consciência, por sua vez, é privada de qualquer suporte na realidade.

O idealismo, na visão bakhtiniana, defende uma teoria soberana do universo como uma mera hipótese de um vínculo abstrato entre as formas e as categorias mais gerais da criação ideológica. Já o psicologismo reduz a consciência a nada, um simples conglomerado de reações psicológicas fortuitas, que *por milagre* resulta em uma criação ideológica significativa e unificada. A essas considerações, Bakhtin acrescenta que o ideológico tem como verdadeiro lugar o material social de signos criados pelo sujeito. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Neste sentido, Bakhtin exemplifica:

Não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social). Só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só pode nada explicar, mas, ao contrário deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (BAKHTIN, 2006, p.33).

Notemos aqui a importância do que Bakhtin afirma nas últimas linhas da citação anterior: “a consciência individual não só pode nada explicar, mas, ao contrário deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social”. Disso resulta que a consciência é um fato socioideológico e enquanto esse fato, e todas as suas consequências, não forem devidamente reconhecidas, nesses moldes, não

será possível construir nem uma psicologia objetiva, nem um estudo objetivo das ideologias.

Para Bakhtin é justamente o problema da consciência que criou as maiores dificuldades e gerou a formidável confusão que encontramos em todas as discussões relativas tanto à psicologia quanto ao estudo das ideologias. De maneira geral, a consciência tornou-se o que ele chama de *asylum ignorantiae* de todo edifício filosófico. Foi transformada em depósito de todos os problemas não resolvidos, de todos os resíduos objetivamente irreduzíveis. Ao invés de buscar uma definição objetiva da consciência, esta foi usada para tornar subjetivas e fluidas certas noções até então sólidas e objetivas. (BAKHTIN, 2006, 2017).

Bakhtin busca defender que “a única definição possível da consciência é de ordem sociológica.” (BAKHTIN, 2006, p.33). A consciência, na formação do sujeito, não pode derivar diretamente da natureza, como tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). Já a ideologia não pode derivar da consciência como pretende o idealismo e o positivismo psicologista. Portanto, a consciência adquire forma e existência nos signos ideológicos criados por um grupo de sujeitos organizados no curso de suas relações sociais.

Os signos são o que alimenta a consciência individual do sujeito, são a matéria de seu desenvolvimento e essa consciência reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica e da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc, constituem-se seu único abrigo. Fora desse material há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido de sentido que os signos lhe oferecem. Bakhtin (2006, p.34), em uma perspectiva mais radical, formula o seguinte princípio: “o estudo das ideologias não depende em nada da psicologia e não tem nenhuma necessidade dela”. Ele acrescenta, ainda, que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas.” (BAKHTIN, 2006, p.34).

A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. Para que o método sociológico dê conta de todas as profundidades e de todas as

sutilezas das estruturas ideológicas, é preciso que ele tenha como ponto de partida as teorias da linguagem, enquanto uma filosofia do signo ideológico.

Todo signo é ideológico e a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A variação é algo inerente à língua e reflete variações sociais. Se a evolução da consciência do sujeito obedece a leis internas, ela é, sobretudo, regida por leis externas e de natureza social. O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao “sinal” inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. (YAGUELLO, 2006, p.16).

Todo signo ideológico é também um signo linguístico, pois é realizado no processo das relações sociais. O signo vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um determinado grupo social. Todo signo resulta de um consenso entre sujeitos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Essa é a razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos, quanto pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo.

É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar a evolução social do signo linguístico. Para tanto, Bakhtin (2006; 2016) pontua que é indispensável observar as seguintes regras metodológicas:

1. Não se deve separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível);
2. Não se pode dissociar o signo das formas concretas da comunicação social do sujeito (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema);
3. Não se pode dissociar a comunicação bem como suas formas de sua base material (o que ele chama de infraestrutura).

O signo ideológico é o território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia, é um território real, sociológico e significante. É neste território que se deve operar a delimitação das fronteiras entre uma teoria da consciência do sujeito e da ideologia. Bakhtin acredita que essa abordagem nos permite eliminar de maneira dialética a contradição entre o psicologismo e o antipsicologismo. O antipsicologismo tem razão em recusar a dedução do ideológico a partir do psiquismo, porque na verdade é o psíquico que deve ser deduzido da ideologia. A teoria da consciência do sujeito deve apoiar-se na ciência das ideologias. Originariamente, a palavra, em seu

sentido estrito, deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos sujeitos para ser, em seguida, integrada ao organismo individual e tornar-se fala interior. (BAKHTIN, 2006; 2011).

Bakhtin (1999; 2006), como vimos, não aceita as teses que defendem que a ideologia é oriunda do psiquismo autônomo do sujeito, ele argumenta que a instância da ideologia está no psiquismo e é inerente aos signos que o constituem. Tais signos foram criados nas relações interindividuais, portanto são carregados de valores conferidos por e pelo sujeito. Por isso, a consciência além de ideológica é também social.

De acordo com Medviédev,

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas 'almas' das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012, p.48-49).

O psicologismo, por um lado, possui certa razão quando diz que não há signo exterior sem uma compreensão interior. Isto é, o signo exterior que não seja capaz de penetrar no contexto interior do sujeito é, ao mesmo tempo, incapaz de ser compreendido e experimentado, cessa de ser um signo, transforma-se em uma coisa física. De acordo com Bakhtin, "o signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico." (BAKHTIN, 2017). Desta maneira, existe entre o psiquismo e o ideológico do sujeito uma interação dialética indissolúvel. Segundo Bakhtin,

O signo interior deve libertar-se de sua absorção pelo contexto psíquico (biológico e biográfico), ele deve parar de ser experimentado subjetivamente para se tornar signo ideológico. O signo ideológico deve integrar-se no domínio dos signos interiores subjetivos, deve ressoar tonalidades subjetivas para permanecer um signo vivo e evitar o estatuto honorífico de uma incompreensível relíquia de museu. (BAKHTIN, 2006, p.64-65).

Essa interação dialética entre o signo interior e a realidade exterior, entre o psiquismo e a ideologia, por muitas vezes atraiu a atenção dos pensadores. Contudo, ela não foi compreendida de maneira correta, nem descrita de maneira adequada. De acordo com Bakhtin, sua análise mais profunda e interessante foi feita

há algum tempo pelo sociólogo Georges Simmel⁷⁰. No entanto, esse pensador viu essa interação sob um aspecto que é característico de todo pensamento burguês contemporâneo, isto é, como uma *tragédia cultural*, ou mais exatamente, como uma *tragédia da faculdade criadora da personalidade subjetiva*.

Segundo Simmel (1923, *apud* BAKHTIN, 2006), a personalidade criadora se autodestrói, assim como sua subjetividade e seu caráter pessoal, no produto objetivo que ela própria cria. Não entraremos, aqui, no detalhe da análise de Simmel. Queremos apenas assinalar o defeito principal de sua concepção. Bakhtin acredita que, na teoria de Simmel, entre o psiquismo e a ideologia existe um fosso intransponível, pois Simmel não admite um signo que, remetendo à realidade, seja comum ao psiquismo e à ideologia. Para Bakhtin, o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN, 2006, 2008).

Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva do sujeito entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada. Bakhtin acrescenta que:

O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento. (BAKHTIN, 2003, p.378).

Sei que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia do sujeito se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais. (BAKHTIN, 2006, p.66). São nos enunciados concretos, reais, que ocorre a materialização do meio ideológico (MEDVIÉDEV, 2012), no qual circulam os valores do sujeito, sejam eles morais, religiosos, cognitivos, políticos e filosóficos.

⁷⁰Georg Simmel (1858-1918) foi sociólogo e filósofo alemão, considerado o fundador da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais. Estudou História e Filosofia na Universidade de Berlim, concluindo o doutorado em 1881, com a tese *A Natureza da Matéria Segundo a Nomadologia Física de Kant*. Entre 1885 e 1900 foi professor na Universidade de Berlim.

Indagamos-nos aqui como fica a questão da classe social nesses termos.

A classe social e a comunidade semiótica na teoria bakhtiniana não se confundem. Por comunidade semiótica entendemos a comunidade de sujeitos que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valores contraditórios.

Bakhtin vai acrescentar a essa questão o fato de que o signo se torna o campo onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço muito importante. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valores que torna o signo vivo, móvel e capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, vai, infalivelmente, debilitar-se, não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. É importante pontuarmos que aquilo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico (a interação social), pode fazer dele um instrumento deformado e de deformação do sujeito. É o que ocorre com a classe dominante. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente, isto é, individual a um interesse de uma determinada classe. (BAKHTIN, 2006; 2011).

O individualismo é uma forma ideológica particular da atividade mental da classe burguesa (encontra-se um tipo análogo na classe feudal aristocrática). A atividade mental de tipo individualista caracteriza-se por uma orientação social sólida e afirmada. Não é do interior, das profundezas do sujeito, que se tira a confiança individualista em si. Mas do exterior; trata-se da explicitação ideológica do meu status social, da defesa pela lei e por toda a estrutura da sociedade de minha posição econômica individual. Bakhtin acrescenta,

A personalidade individual é tão socialmente estruturada como a atividade mental de tipo coletivista: *a explicitação ideológica de uma situação econômica complexa e estável projeta-se na alma individual.*⁷¹ Mas a contradição interna que está inscrita nesse tipo de atividade mental do *nós*, assim como na estrutura social correspondente, cedo ou tarde destruirá sua modelagem ideológica. (BAKHTIN, 2006, p.119).

⁷¹ Compreende-se aqui que a afirmação ideológica da minha posição econômica, apesar de ser essencialmente individualista, cria uma estrutura ordenada que se projete na personalidade individual. Disso resulta o fato de que a personalidade individual começa a aparentar como algo coletivista.

Bakhtin (2011, p. 342) afirma, ainda, que “o capitalismo criou as condições para um tipo especial de consciência permanentemente solitária”. Essa consciência tem como marca uma compreensão falsa acerca da realidade, que se move em um círculo vicioso, definindo o sujeito como algo fora da sociedade de classe.

Medviédev acrescenta que:

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2012, p.56).

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem como característica duas faces, “toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras.”⁷² Essa dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária.” (BAKHTIN, 2006, p.46). Nessas ocasiões é desvelada a outra face do signo, aquela mais perversa é, geralmente, a ideologia da classe dominante.

Cabe pontuar aqui a relevância que pode advir de uma educação dialógica, uma educação que traz como fundamento a interação social, mediada pela linguagem, que certamente pode desconstruir a ideologia propagada pela classe dominante. Complementando a afirmação anterior, a educação constitui-se como um instrumento que tem a capacidade de desvelar as faces do signo ideológico. Ela é capaz de desconstruir o interesse de uma determinada classe quando esta busca tornar o signo monovalente. Neste sentido, a educação é a ferramenta por excelência que possui o potencial necessário para superar o conteúdo ideológico propagado pelo pensamento burguês.

⁷² Bakhtin busca explicitar aqui a dualidade do signo ideológico, onde, por exemplo, toda verdade que se dá no contexto da realidade dada (viva), pode parecer para alguns uma grande mentira.

6 CONCLUSÃO

O objetivo dessa tese era compreender de que maneira se dava a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia no pensamento de Mikhail Bakhtin. Notadamente, argumentei que a complexidade da pesquisa estava envolvida pelo fato de que Bakhtin não escreveu nenhum folheto, livro ou artigo dedicado expressamente à questão do sujeito. Logo, suas considerações acerca desse tema encontravam-se disseminadas ao longo de toda a sua obra.

Em um sentido geral, trabalhei com a hipótese de que as correntes que abordaram a categoria do sujeito não o compreenderam de forma dialética, mas unilateral (subjéctiva e abstratamente). Nessa perspectiva, pretendi evidenciar que os conceitos de linguagem, consciência e ideologia, enquanto elementos constitutivos da formação do sujeito, não foram trabalhados de maneira que considerasse os aspectos histórico-sociais do mesmo. Pontuei que disso emergia a importância de Bakhtin para a educação, pois, por meio de seus escritos, é possível evidenciar o comprometimento que a educação deve ter em trabalhar com uma concepção de sujeito enquanto um ser que se concebe a partir de seu contexto real e histórico-social.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes questões: como se dá a compreensão acerca da categoria do sujeito pelos teóricos linguistas do século XX e por Freud? Qual a posição bakhtiniana frente a essas abordagens? De que maneira se estabelece a relação entre o sujeito e os conceitos próprios do pensamento bakhtiniano? Como ocorre a formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia? Fui enfático ao ressaltar que a formação do sujeito histórico-social, bem como os conceitos de linguagem, consciência e ideologia atravessavam todos esses questionamentos.

Pontuei primeiramente que o histórico para Bakhtin é um meio de construção dialética, similar e influenciado pelo pensamento marxista, não é um conceito desenvolvido a partir de elementos abstratos e/ou idealistas. O histórico é uma construção onde ocorrem os conflitos da classe. Por isso, para Bakhtin esse meio é, ainda, uma arena onde se confrontam os índices sociais de valores através da língua. O social está interligado ao conceito de histórico. Bakhtin define o social como “um todo”, é onde o ser humano se torna culturalmente produtivo e

historicamente real. O social opõe-se ao individual e é, ainda, o meio no qual o sujeito realiza seu processo de expressão exterior, é seu campo de interação.

Em relação ao primeiro questionamento, que se refere à compreensão acerca da categoria do sujeito pelos teóricos linguistas do século XX e por Freud, a pesquisa revelou que Bakhtin pontuou a necessidade de uma teoria da linguagem de base histórica e social que considerasse a formação do sujeito a partir desses aspectos. O pensador defendeu que a teoria marxista deveria ter dado conta dessa questão. Devido a essa falta de Marx, e do marxismo em seu conjunto, as correntes teórico-metodológicas que trataram desse tema compreendem a linguagem, e, conseqüentemente, a categoria do sujeito, fora do movimento dialético que rege os fundamentos histórico-sociais da realidade.

Mostrei que os teóricos linguistas do século XX, na perspectiva bakhtiniana, estão divididos em duas correntes, a saber, a corrente do *subjetivismo idealista* e a corrente do *objetivismo abstrato*. A concepção do *subjetivismo idealista* teve como principais representantes os seguintes pensadores: Wilhelm Humboldt; Wilhelm Maximilian Wundt; Heymann Steinthal; Karl Vossler e Benedetto Croce. Esta tendência tinha como ponto comum, em relação a todos esses pensadores, o fato de buscar fundamentar a linguagem a partir da criação individual. Assim, as leis da criação linguística deveriam ser essencialmente as leis da psique individual do sujeito.

Já a concepção do *objetivismo abstrato*, representada principalmente por Ferdinand de Saussure e Paul Jules Antoine Meillet, considerou o sistema linguístico, a saber o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais, como algo autônomo, estável e imutável. Assim, o *objetivismo abstrato* não considerou a relação que existe entre o sujeito e o seu meio de criação social, bem como a evolução da língua do sujeito em relação a determinados tempos históricos.

Observei que, em relação aos pensadores que tratam da categoria do sujeito no século XX, Bakhtin traz uma posição em relação ao pensamento de Sigmund Freud. Neste viés, Bakhtin mostrou que em Freud o destino do sujeito e todo o conteúdo da sua vida são condicionados pelos destinos do seu desejo sexual. Na teoria freudiana não há uma só palavra sobre qualquer um dos fundamentos sociais do caráter, alicerçados na constituição física do sujeito, nem sobre as influências físicas e sócio-objetivas do ambiente. Todo o processo de formação do caráter do sujeito transcorre nos limites do psiquismo subjetivo tomado

isoladamente. Ademais, mostrei que Bakhtin pontuou que o sucesso da teoria psicanalítica freudiana não se dava em função do seu caráter científico e psiquiátrico, mas sim em função de um motivo ideológico. Sendo que esse motivo ideológico revela-se no interesse da classe social dominante, que traduz-se no intuito de afastar o sujeito do seu contexto histórico-social, a fim de manter seu *status quo*.

Em relação à segunda questão da tese, no que se refere em saber qual a posição bakhtiniana frente às abordagens do sujeito pelas correntes do *subjetivismo idealista*, do *objetivismo abstrato* e do freudismo, a pesquisa mostrou que a corrente do *subjetivismo idealista* tomava a enunciação monológica como seu ponto de partida básico, dando primazia às condições do psiquismo individual do sujeito em relação à linguagem. Bakhtin pontua que a enunciação individual do sujeito não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se preste à análise sociológica. Neste sentido, ele acrescenta que os limites de cada enunciado são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, assim, a palavra que entra em nosso discurso está impregnada de enunciações alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações.

Em contraposição à corrente do *objetivismo abstrato*, que defende a linguagem como um sistema autônomo, estável e imutável; Bakhtin mostrou que os discursos proferidos pelo sujeito refletem a instância da língua em sua integridade concreta (viva) e não a língua como objeto específico da linguística, como um conjunto de regras, como uma abstração. A língua legitima-se pelos aspectos da vida concreta do discurso do sujeito que profere a fala. As questões discursivas não se restringem ao âmbito meramente linguístico do enunciado, mas também ao contexto enunciativo de realização.

Quanto à crítica bakhtiniana à concepção de sujeito na teoria psicanalítica freudiana, a pesquisa mostrou que a teoria psicológica de Freud se funda nos enunciados verbalizados do sujeito, sendo apenas a sua interpretação específica. Todos esses enunciados se constroem, evidentemente, no campo consciente do psiquismo. Assim, de acordo com Bakhtin, Freud não tomou os enunciados no seu aspecto objetivo, não procurou as raízes fisiológicas, históricas e sociológicas do sujeito, mas tentou encontrar no próprio sujeito os verdadeiros motivos do seu comportamento. O sujeito é reduzido a um caráter abstrato, desprovido de seu contexto histórico-social e animalizado em seus instintos.

No que tange ao papel do signo interior e do psiquismo na formação do sujeito, mostrei que Bakhtin afirmou que a enunciação (compreendida como uma réplica do diálogo social) é a unidade de base da língua e mesmo tratando-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo), essa enunciação é sempre de natureza social. A pesquisa mostrou ainda que a enunciação é o resultado da interação de ao menos dois sujeitos socialmente organizados e mesmo que não haja um interlocutor real, o discurso interior é socialmente intencional. A palavra dirige-se a um interlocutor, ela é em função da pessoa desse interlocutor, variará ao tratar de uma pessoa do mesmo grupo social (se for inferior ou superior na hierarquia social).

Quanto à terceira questão da tese, que se refere à maneira como pode ser estabelecida uma relação entre o sujeito e os conceitos próprios do pensamento bakhtiniano (sem nos distanciarmos dos aspectos constitutivos da formação histórico-social do sujeito), a pesquisa mostrou que em relação ao conceito de polifonia, Bakhtin não tinha um conceito legitimado e pronto acerca do significado deste termo. Inicialmente, mostrei que os primeiros documentos que abordam tal termo surgiram no século IX e retratavam uma segunda voz acrescentada ao canto monódico. É somente a partir dos textos de Dostoiévski que este termo é reformulado. Nessa nova reformulação, polifonia deve ser entendida como a multiplicidade de vozes instauradas em um discurso. Caracteriza-se como a variação de um tema a partir das diferentes vozes sobre condições concretas de um determinado texto. Logo, polifonia, por estar diretamente ligada às condições reais e concretas que o texto deve expressar, reflete a figura do sujeito histórico-social que fala a partir do texto.

No que se refere ao dialogismo, esse conceito possui uma estreita relação com a polifonia. Entretanto, polifonia assume, no pensamento bakhtiniano, uma ligação direta com os escritos de Dostoiévski e com os textos escritos de uma forma geral. Já o dialogismo quase sempre é empregado para fazer referência às relações dialógicas orais.

Abordei ainda o fato de que o diálogo é apenas um dos elementos que compõe o dialogismo. Assim, o diálogo constitui-se como a manifestação externa mais evidente, mais simples e superficial de um conceito bakhtiniano mais complexo. O dialogismo foi visto como um conceito que estava sempre presente nos escritos de Bakhtin e funcionava como uma célula geradora que singulariza e mantém vivo o pensamento produtivo do sujeito. Observei ainda que o dialogismo tinha como forte

característica sua oposição ao monologismo. Assim, enquanto o dialogismo reflete as diferentes vozes e a historicidade do sujeito instaurado em um discurso oral; o monologismo caracteriza-se como uma enunciação isolada e fechada, sendo algo desvinculado de seu contexto linguístico real, baseado em uma compreensão passiva do sujeito.

Assinalei a importância dos conceitos de polifonia e dialogismo para o contexto da educação. Esses dois conceitos, por levarem em consideração as diferentes vozes do discurso, podem possibilitar que a educação se torne um ambiente cada vez mais democrático.

Quanto aos gêneros discursivos, mostrei que eles são compreendidos como os enunciados orais ou escritos, proferidos por integrantes de um determinado campo de atividade humana. Eles traduzem as condições específicas e as finalidades de um determinado campo de atuação do sujeito. O conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional constituem-se, assim, como três elementos que estão indissolivelmente ligados no conjunto dos enunciados. Assim, esses três elementos dão materialidade ao conceito de gêneros discursivos.

Constatarei que os gêneros discursivos se subdividem em primários (simples) e secundários (complexos). Ademais, mostrei que existe uma riqueza imensa quanto à diversidade de gêneros do discurso. Neste sentido, os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social (mais visivelmente na atividade socioeconômica) do sujeito. São correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem do sujeito.

No que tange à última questão da tese, que se refere ao fato de como ocorre à formação do sujeito histórico-social a partir dos conceitos de linguagem, consciência e ideologia no pensamento bakhtiniano. Ressaltei primeiramente que a resposta a esse questionamento, como mostrei, está implicada em todas as etapas do trabalho que foram desenvolvidas até aqui. O que elaborei, em relação à última questão e ao último capítulo, é um estudo do sujeito mais aplicado a esses três conceitos, procurando sempre responder de forma mais concisa à proposta da problemática.

Assim, no que se refere à matriz sociológica da consciência na formação do sujeito, a pesquisa mostrou que o estudo da consciência estava caracterizado por uma crescente ascensão de uma teoria meramente interpretativa. Essa análise interpretativa da consciência consistia em descrever com discernimento, dissecar e

explicar a vida psíquica do sujeito, como se tratasse de um documento que estava submetido a uma análise filológica. A maneira de pensar o sujeito dava-se então a partir de um aspecto idealista. Logo, não se levava em consideração o caráter social do signo que é uma das marcas essenciais da formação do sujeito histórico-social. Ademais, mostrei que na teoria interpretativa da consciência, o signo só se tornava signo na medida em que servia para expressar a vida interior do sujeito, reforçando assim o seu desvinculamento das condições sócio-históricas de sua formação.

Bakhtin, em resposta a essa teoria, trouxe que a natureza da função psíquica que forma o sujeito é constituída por valores predominantes da interação entre os sujeitos. Em outras palavras, a consciência só se forma enquanto consciência mediante a interação com a consciência alheia e nisso condiz a sua natureza. Ela só é na medida em que é para outro, está impregnada de discurso (e não pode abster-se dele) que sempre é em função do outro, mesmo que o discurso seja interior. A consciência sempre é em função das condições do meio histórico-social no qual os sujeitos estão inseridos. A visibilidade do sujeito no mundo é sempre em relação ao seu lugar espacial e temporal que se revela pelo olhar e pelo discurso do outro. Assim, a formação da consciência no sujeito é fruto do modo como ele compartilha seu olhar com o olhar do outro, criando desta forma uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações histórico-sociais.

Quanto à relação entre consciência e ideologia na formação do sujeito histórico-social, mostrei que todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se na consciência do sujeito, em seu psiquismo, apoiando-se no sistema de signos e se consolidando como um material ideológico. Neste sentido, todo o pensamento do sujeito, desde a origem, pertence ao sistema histórico-ideológico e é subordinado a suas leis. Ao mesmo tempo, o pensamento também pertence a outro sistema único, o sistema do meu psiquismo. O caráter único desse sistema não é condicionado somente pela unicidade do organismo biológico do sujeito, mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que ele se encontra.

Em relação aos fundamentos sociais da linguagem e da enunciação, ficou evidente que o sujeito não profere atos de fala no vazio, não produz enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao

conhecimento, à política, etc.). Essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. A comunicação verbal do sujeito não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce sobre o *terreno comum* da situação concreta na qual o sujeito está inserido.

Mostrei que é por meio da linguagem que o homem torna-se sujeito, sai da sua individualidade e passa a pertencer a um conjunto mais amplo, isto é, passa a ser capaz de construir sua própria trajetória, transforma-se, assim, em um ser histórico-social. Logo, a linguagem vai além de sua dimensão comunicativa, ela é a possibilidade materializada de sociabilidade do sujeito.

Em relação à importância da palavra na formação do sujeito histórico-social, mostrei que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. Ela é o modo mais puro e sensível de relação social do sujeito. O sujeito se constrói através do olhar e da palavra do outro. Cada pessoa ocupa um lugar em um espaço-temporal determinado, é a partir desse lugar único que o sujeito revela seu modo de ver o outro e o mundo físico que o envolve.

No que se refere às considerações acerca da relação entre linguagem e educação, mostrei que a linguagem ocupa um papel central desde a formação inicial do sujeito, isto é, desde criança. Trouxe o fato de que a educação constitui-se como uma das principais vias de exteriorização do elemento ideológico do sujeito, uma vez que a educação possibilita o contato social entre sujeitos, possibilita o diálogo, e portanto, a interação social. Ademais, pontuei que, em Bakhtin, é possível pensar em educar através da discursividade. Suas reflexões permitem que consideremos a escola não somente como responsável em nos ensinar o padrão culto da língua, mas uma educação que promova um status de autonomia do sujeito educando.

Quanto ao signo ideológico na formação do sujeito histórico-social, mostrei que todo signo ideológico é também um signo linguístico, pois é realizado no processo das relações sociais. O signo vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um determinado grupo social. Todo signo resulta de um consenso entre sujeitos socialmente organizados, no decorrer de um processo de interação. O signo ideológico é o território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia, é um

território real, sociológico e significativo. É neste território que se deve operar a delimitação das fronteiras entre uma teoria da consciência do sujeito e da ideologia.

Constatai ainda que o signo se torna o campo onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço muito importante, pois ao comportar a capacidade de apresentar vários significados, o signo pode deixar de ser algo monovalente (instrumentalizado), possibilitando, assim, o entrelaçamento de valores que lhes são inerentes. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valores que torna o signo vivo, móvel e capaz de evoluir. Isso só é possível porque o signo comporta a capacidade de transmitir a interação dialética da realidade, da luta de classes. Se subtraído às tensões da luta social do signo, se este é posto à margem da luta de classes vai, infalivelmente, debilitar-se, não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade.

Por fim, quero frisar que o conceito de sujeito em Bakhtin é algo contextualizado, sócio e historicamente. É uma categoria que emerge como resultado de uma síntese dialética da realidade material que o circunda, sendo que essa realidade condiciona, principalmente, três aspectos que são constitutivos de sua formação, sendo estes: a linguagem, a consciência e a ideologia. A consciência é um atributo do sujeito, um de seus elementos constitutivos, sua natureza é edificada por valores predominantes da interação entre os sujeitos, portanto ela é condicionada pela realidade externa. Apesar de condicionada pela realidade externa, a consciência necessita de um material semiótico para poder se expressar, daí desvela-se a importância da linguagem. A linguagem é personificada na sua função de signo e torna-se o meio de expressão da atividade interior do sujeito. Já em relação à ideologia, cabe dizer que todo signo carrega consigo o fator ideológico, em outros termos, a ideologia é um fato inerente ao signo linguístico.

As questões que foram trabalhadas aqui tornam Bakhtin um pensador irrecusável para a educação. Neste sentido, é perceptível que, muitas vezes, os processos educacionais são construídos a partir de monólogos completos. Essa consideração remete não somente à sala de aula, mas à educação em sua complexidade, principalmente em seus altos escalões. A interação dialógica constitui-se como uma máxima fundamental para a construção de todo e qualquer processo educacional, e, muitas vezes, não é isso o que vemos. Neste sentido, trazer a questão do sujeito enquanto um ser do diálogo, enquanto um ser que tem uma consciência que reflete a realidade externa e que está permeado por um

contexto ideológico é algo que a educação deve levar sempre em consideração na construção de seus processos.

Outra contribuição de Bakhtin para a educação, que não posso deixar de mencionar, é o fato de que ele, ao trazer um conceito de sujeito contextualizado com sua realidade social, chama atenção não somente para a área das Ciências Humanas, mas também para outras áreas como as Ciências Exatas, Sociais Aplicadas, Matemática, etc. Isso se justifica pelo fato de que não é possível conceber o sujeito como um ser exclusivamente subjetivo, biológico ou fisiológico. Portanto, todas as áreas do conhecimento precisam trabalhar com uma concepção de sujeito que está condicionado pela sua realidade histórico-social.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Vitkor Duvakin**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Prefácio e edição francesa Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail M. **La construcción de la enunciación**. Trad. Ariel Bignami. Barcelona: Anthropos, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail M. **O problema do texto na linguística, filologia e em outras ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. **O freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Trad. Sheila Vieira Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail M. **The dialogic imagination: four essays by M.M. Bakhtin**. Editado por Michael Holquist. Tradução para o inglês de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. A paródia no pensamento de Mikhail Bakhtin. *In: VIDYA Revista Eletrônica*. v. 19, n. 35, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2011.

BEZERRA, Paulo. **Adendo: os gêneros do discurso**. 2011. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. Estética da criação verbal. Prefácio e edição francesa Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, Paulo. **Freud à luz de uma filosofia da linguagem**. 2017. *In*: BAKHTIN, Mikhail. O freudismo: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BRAIT, B. **As vozes bakhtinianas e o diálogo incluso**. 2011. *In*: BARROS, Diana luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz (org.). Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. **Da Rússia czarista à web**. *In*: BRAIT, B. (org.). Bakhtin e o Círculo. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B.; PISTORI, Maria Helena Cruz; LOPES-DUGNANI, Bruna; MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de. Bakhtin e o Círculo: línguas, discursos, gêneros e produção de sentido. 2020. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso vol.15 no. 2 São Paulo abr./jun. 2020 Epub 17-Abr-2020.

BRUNER, J. **Como as crianças aprendem a falar**. Paris: Retz, 2004.

BUBNOVA, Tatiana. **El marxismo y la filosofía del lenguaje: los principales problemas del método sociológico en la ciencia del lenguaje**. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2009.

DIAS, Rosangela Hanel. Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin. ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica**. *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. (org.). Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Ed. da UFPR, 2011.

FIORIN: José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRAZÃO, Dilva. **Ferdinand de Saussure: linguista suíço**. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/. Acesso em: 25 abr. 2019.

GERALDI, J. W. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIOVANI, Fabiana; REYES, Claudia Raimundo. Bakhtin e educação: entre teorias e prática. **E-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v.10, Número 2, maio-agosto, 2019.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. **Os limites da ação do estado**. Tradução de Jesualdo Correia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. London; New York:Routledge, 1990.

HOLQUIST, Michael. **Prefácio: para uma filosofia do ato**. 1993. *In: BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato*. Austin: University of Texas Press, 1993.

JUCHEM, Aline. Saussure, Benveniste e o objeto da linguística. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008.

LESSING, Ruhr-Universität. Wilhelm Dilthey: O Filósofo das Ciências Humanas. *In: International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, n.º3, v. 1, p. 14-31. 2019.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SCHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Diferenças entre dialogismo e polifonia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 580-601, 2016.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**. *In: Psicología Social desde Centro américa II*. San Salvador, El Salvador: Universidad Centro americana José Simeón Cañas. 1989.

MEDVIEDÉV, Pável Nikoláievitch; BAKHTIN, Mikhail. **El método formal en los estudios literarios: Introducción crítica a una poética sociológica**. Trad. Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MORGENSTERN, Aliyah. A voz do outro na coconstrução da autorreferenciação na criança. **Bakhtiniana**, São Paulo, 16 (1): 61-87, jan./mar. 2021.

MOURA, Adriano Carlos de Moura; SILVA; Hércia Macedo de Carvalho Diniz. **Crítica de Bakhtin/Volochínov à tradição subjetivista e objetivista da linguagem**. *In: ALMEIDA, Maria de Fátima (org.). Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem: Ressignificações*. Recife: Bagaço, 2011.

OLSON, M.; SEIKKULA, J.; ZIEDONIS, D. **The key elements of dialogic practice**. *In: Open Dialogue: Fidelity Criteria*. The University of Massachusetts Medical School. Massachusetts, v. 1, 2014. Disponível em:

<https://www.umassmed.edu/globalassets/psychiatry/open-dialogue/fidelityfinalaugust2014.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.

SVENTSITSKAYA, Elina. A concepção da palavra em Mikhail Bakhtin no contexto da crítica literária contemporânea. **Bakhtiniana**, São Paulo, 15 (4): 8-28, out./dez. 2020.

SOSNOWSKI, Katyuscia. Contribuições de Bakhtin para pensar a formação de professores de arte para além do currículo. **Rev. Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v.12, n.3, p. 280-288, set/dez. 2019.

TEZZA, Cristovão. Bakhtin: uma memória pessoal. **Bakhtiniana**, São Paulo, 16 (2): 36-52, abril/jun. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Prefácio à edição francesa**. 2011. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. Estética da criação verbal. Prefácio e edição francesa Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

YAGUELLO, Marina. **Bakhtin o homem e seu duplo**. 2006. *In*: BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

VIANNA, Rodolfo. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. **Odisseia**, Natal, RN, v. 4, n. 1, p. 19-33, jan.-jun. 2019.

VIANNA, Rodolfo. **Marxismo e filosofia da linguagem à luz da ideologia alemã**. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 29-41, 1º sem. 2010.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.